

MIL NOVECENTOS E TRINTA E CINCO
X FEVEREIRO X

REVISTA
DA
ACADEMIA AMAZONENSE
DE
LETRAS
(NUMERO ESPECIAL)

SUMMARY:

- 1— *Introdução*—ADRIANO JORGE
- 2— A FESTA INAUGURAL DA SÉDE DA ACADEMIA, EM HOMENAGEM, AO INTERVENTOR NELSON DE MELLO.
 - I— Discurso do sr. Araújo Lima.
 - II— Discurso do sr. Huascar de Figueiredo.
 - III— Saudação da Academia, proferida pelo senhor Leopoldo Péres.
 - IV— Resposta do senhor Nelson de Mello, em agradecimento.
- 3— *Um innovador da critica literaria: Benjamin Lima*— PERICLES MORAES.
- 4— *Na cadeira de Farias Brito*—Discurso de recepção do sr. MANOEL ANISIO JOBIM.
- 5— *Scenas do Rio Negro*—AGNELLO BITTENCOURT.
- 6— *Profissão de fé*— JOSÉ CHÉVALIER.
- 7— *Idéas & Factos.*
- 8— a) *Estatutos da Academia.*
 - b) *Acta de eleição dos novos directores.*
 - c) *Acto do governo, doando á Academia o predio de sua séde actual.*

AMAZONAS

MANAOS

MIL NOVECENTOS E TRINTA E CINCO
X FEVEREIRO X

REVISTA
DA
ACADEMIA AMAZONENSE
DE
LETRAS
(NUMERO ESPECIAL)

SUMMARY:

- 1— *Introdução*—ADRIANO JORGE
- 2— A FESTA INAUGURAL DA SÉDE DA ACADEMIA, EM HOMENAGEM AO INTERVENTOR NELSON DE MELLO.
 - I— Discurso do sr. Araújo Lima.
 - II— Discurso do sr. Huascar de Figueiredo.
 - III— Saudação da Academia, proferida pelo senhor Leopoldo Péres.
 - IV— Resposta do senhor Nelson de Mello, em agradecimento.
- 3— *Um innovador da critica litteraria: Benjamin Lima*— PERICLES MORAES.
- 4— *Na cadeira de Farias de Brito*— Discurso de recepção do sr. MANOEL ANISIO JOBIM.
- 5— *Scenas do Rio Negro*— AGNELLO BITTENCOURT.
- 6— *Profissão de fé*— JOSÉ CHEVALIER.
- 7— *Idéas & Factos.*
- 8— a) *Estatutos da Academia.*
 - b) *Acta de eleição dos novos directores.*
 - c) *Acto do governo, doando a Academia o predio de sua séde actual.*

ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

Directoria para 1935-1939 :

Presidente — ADRIANO JORGE

Vice-Pres. — SA' PEIXOTO

Sec. Geral — JOSE' CUEVALIER

1.º Secret. — LEOPOLDO PÉRES

2.º Secret. — HUASCAR DE FIGUEIREDO

Thesoureiro — JONAS DA SILVA

Bibliothecario — PAULO ELEUTHERIO

Redacção da REVISTA :

Adriano Jorge

Sá Peixoto

Pericles Moraes.

(Este numero especial da REVISTA é consagrado á installação da sede definitiva da Academia e em homenagem ao Presidente de Honra, capitão Nelson de Mello, Interventor Federal no Amazonas).



Capitão NELSON DE MELLO, Presidente de Honra da Academia

NA hora que passa — vertiginosa e turbilhão — o homem de governo tem de ser, para além do impreciso das ideologias, um herói da Acção.

Os hesitantes abalroarão na fallencia de si próprios. Dentro do âmbito, distenso até ao infinito, deste conceito — Acção — cabem, porém, desgracadamente, não só as energias syntonizadas com a alma collectiva para os grandes benefícios immortalizadores, senão também os desvaíros, com que se vão assignalando, lá no ennevoado dos píncaros do poder, certos temperamentos descontrolados por força das falhas, escancaradas em hiatos, de sua capacidade de auto-crítica.

O Amazonas, locupletando-se nas reservas da felicidade, que ainda sobrepaira á consternadora, angustiada expectativa dos brasileiros de hoje, ampliou o seu patrimonio de alegria cívica, incorporando aos seus destinos historicos esta personalidade singular : — Nelson de Mello.

Homem de governo, vibrando no seu dynamismo polyedrico e por isso mesmo capaz de enfrentar tudo com o garbo sereno dos que se habituaram ás influencias dos magnetismos do triumpho, o ultimo interventor no Amazonas realizou um programma luminosamente fecundo, dentro do qual couberam as preoccupações administrativas geraes, as financeiras, as politicas, as pedagogicas, as hygienicas, as intellectuaes, as moraes, as estheticas, outros tantos problemas complexos e subtis, que a argucia resoluta do homem de acção, o espirito de justiça do aristocrata mental e a firme boa-vontade do patriota concretizaram no monumento imperecível que foi a sua obra de administrador, nimbada de uma fulguração de belleza integral. A Academia Amazonense de Letras, que vive hoje dentro dessa irradição e que, para sua propria gloria immarcescível, fez de Nelson de Mello o seu presidente de honra, num preito commovido de sua gratidão, que é immensa, e de sua admiração, que é ainda maior, ergue todas as preces auguras de seu espirito pela persistencia da ventura cívica do Amazonas, a que o Grande Interventor deu o resplandecente relêvo de sua nobreza, de seu espirito de justiça e de sua bondade infinita.

ADRIANO JORGE

A festa inaugural da séde da Academia em homenagem ao Interventor Nelson de Mello

A Academia Amazonense de Letras realizou a festa inaugural de sua séde definitiva com o esplendor de uma verdadeira consagração social. Não lhe ficam mal, certamente, em publicação propria, estas palavras de apparencia lisonjeira, que se resguardam das irreverencias maliciosas da critica pelo sentido intencional do registo, cujos limites se não ultrapassam voluntariamente. A nossa instituição, vivendo intensamente no seu retrahimento, que se diria propositado, não fôra consequencia obrigatória das precariedades ambientes, alcançou o estagio de sua crystallização pela coincidência venturosa de uma hora de fortuna, dessas que se inscrevem nas documentações historicas e se não eliminam das referencias pelos chronistas da epoca. Deu-lhe novas energias funcionaes uma generosa e imprevista comprehensão de sua finalidade — o governo do Estado, entregue ao descortino lucido de um homem de raras qualidades moraes, o interventor Nelson de Mello, dotou-a com o predio para installar-se e com um credito para sua organização. A' surpresa alegre das primeiras noticias seguiu-se a consciencia da victoria almejada, de longo tempo querida na intimidade vaga e errante dos seus membros, que lhe commentavam a precariedade, supportada sem recriminações, com a serenidade bohemia, finamente ironica na sua displicencia, que é companheira festejada das inclinações literarias. A descripção dessa solemnidade academica foi feita na imprensa diaria, que a consignou fielmente. Resta-nos dizer agora, para completar o informe necessario, alem da transcripção da local de um dos orgãos jornalisticos da terra, que este numero da REVISTA, retomando a série de longo espaço interrompida, destina-se a conservar, como memoria e recordação dessas horas de apothese, as palavras que se pronunciaram na primeira sessão publica realizada na séde official da Academia. E como é natural, gesto espontaneo, que a sinceridade sobredoira e illumina de estranhos fulgores de verdade, elle se dedica, com a forma concreta de eloquente homenagem, ao Presidente de Honra, eleito pelos nossos enthusiasmos e pela nossa gratidão.

Do "O Jornal", de 7 de Janeiro do corrente anno, transcrevemos a noticia a que acima se faz referencia :

"A festa de hontem, no palacete da praça Benjamin Constant, deu á Academia Amazonense de Lettras uma oportunidade magnifica de realce e de prestigio social. A reunião esteve muito brilhante, grandemente concorrida, apezar do tempo chuvoso. A's vinte horas e meia, quando ali chegou o interventor federal, já se achavam no recinto innumeradas familias, autoridades do Estado, representantes consulares, o sr. Bispo diocesano, acompanhado de Monsenhor Oliveira, conego Lemercier, autoridades federaes e militares, muitos cavalheiros e pessoas gradas. Formando a mesa, sob a presidencia do academico Adriano Jorge, sentaram-se, á sua direita, o capitão Nelson de Mello, o sr. Bispo diocesano e o major Chagas Leite, commandante do 27 B. C.; á esquerda, estavam o desembargador Presidente da Côrte de Appellação, o dr. prefeito municipal, o dr. chefe de policia do Estado, além dos academicos Sá Peixoto e José Chevalier, vice-presidente e secretario geral da Academia. A mesa apresentava aspecto encantador, inteiramente coberta de flôres, em grandes festões, que cahiam até ao tapete. Estavam presentes os academicos Pericles Moraes, Anisio Jobim, Carlos Chauvin, Araujo Lima, Waldemar Pedrosa, Leopoldo Péres, Coriolano Durand, Agnello Bittencourt, Jonas da Silva e Huascar de Figueiredo, que occuparam suas respectivas poltronas. O academico Adriano Jorge abriu, então, a sessão, dizendo com eloquencia da finalidade daquela festa e pondo em relevo a significação do gesto do governo Nelson de Mello em favor da Instituição. Deu a palavra, em seguida, ao academico Araujo Lima, que leu excellente discurso sobre o sentido predominante da poesia em todas as manifestações da vida, resumindo o surto scientifico e artistico dos tempos modernos. Concitou a Academia a proseguir na sua tarefa e perorou em expressões felizes. Foi a tribuna depois o academico Huascar de Figueiredo, a quem coube associar o nome dos companheiros mortos ao effeito glorificador da hora academica, assignalando-lhes a presença pela recordação carinhosa de todos os academicos — Mello Rezende, Araujo Filho, Ribeiro da Cunha, Raymundo Monteiro, Alcides Bahia, Thaumaturgo Vaz. Fallou o academico Leopoldo Péres, a quem se havia commettido a incumbencia dignificadora de proferir o discurso official da Academia, na homenagem ao interventor Nelson de Mello. Durante cerca de vinte minutos, a sua palavra se fez ouvir, lapidar, escoreita, scintillante, com o sentido energico de uma reivindicação,

á qual não faltaram a linha da proporção e o brilho intellectual de sua cultura, nova e rutila. O academico Adriano Jorge passou, então, a presidencia ao interventor Nelson de Mello, que foi saudado por prolongada salva de palmas. Coube-lhe a vez de fallar. Leu uma incisiva resposta aos discursos proferidos, explicando os motivos que o levaram a praticar o acto administrativo da doação á Academia. Durante os intervallos, bem como á entrada e termino da festa, tocou uma orchestra magnifica, da qual fez parte, sob a direcção do grande musicista João Donizetti, o professor Gentil Bittencourt, por deferencia especial á Academia. Todos os discursos foram calorosamente applaudidos pela assistencia, notadamente o do academico Leopoldo Péres, que recebeu ovações prolongadas e vibrantes. A festa inaugural da séde academica foi muito brilhante e deixou optima impressão".

I

Discurso do Sr. Araújo Lima

Ilustre auditorio :

Ha instantes que definem epochas e assignalam a cultura de um povo. Esta solennidade por si mesma documenta um momento social, identifica uma sociedade e lhe dósa o gráo de adiantamento mental. Porque esta Academia exprime por si só um surto victorioso de idealismo constructor. Na terra em que — se diz e se pensa por ahí alhores — o prosaismo e a rudeza material dos interesses teriam assentado praça para dominar toda a gente e lhe dessecar, na genese dos sentimentos, as fontes da bondade, da honestidade e da justiça: na terra a cuja formação moral se attribue, malevolamente, a "lenda da ilha de Marapatá", a que a maravilhosa faculdade vocabular de Euclides da Cunha — o grande, o maior escriptor de nossa idade — empresiou os fóros de perenidade, naquella concepção do "lazareto d'almas"; a existencia desta Academia, em tal terra e em tal meio, revêcia um indício de equilibrio e um symptoma de vitalidade, que definem uma sociedade, dignificando-a e ennobrecendo-a. Considerando-se que a Academia Paulista não se reúne ha mais de dois annos — o que praticamente, senão moralmente tambem, equivale a lhe caracterisar uma inexistencia comprovada —; conjecturando-se em face desse mallogro de uma instituição meramente idealista, na terra que é a forja elaboradora dos grandes ideaes e dos mais ousados emprehendimentos nacionaes, não se sabe escapar a uma attitude de incertida admiração por um gremio literario, que vae resistindo ao tempo — o grande elemento destruidor — como vae re-

sistindo a outros factores de destruição: o commodismo, o egoismo, a politica, a revolução.

Poetas a crearam, num dia de sonhos, dum sonho luminoso, feito de visões edenicis, de aneios de arte, de anhelos de grandeza espiritual, de aspirações de belleza, fortes e transfiguradoras. Mas que poetas a crearam? Poetas porque, no conceito de um doutrinador, "todo mundo, salvo os idiotas, é poeta, numa certa medida e em certa hora, porque a emoção poetica, considerada naquelle que a experimenta, não é senão uma exaltação, mais ou menos duravel ou frequente, da intelligencia, acima de seu nivel ordinario". E ainda: "Todo homem, sob influencia de emoção, é poeta emquanto ella durar". Certo foi um momento de emoção que fez esta obra, que se vae tornando duravel; e, si a emoção que a provocou foi ephemera, perduravel senão perenne vae sendo a sua realização. E' que a imaginação creadora, numa "allucinação fecunda e lucida", entresonha unia visão de arte; mas só a acção transforma um sonho em realidade. E' esta que aqui temps. Louvemos, pois, ainda uma vez, a poesia! Ella está em tudo, de tudo provem. De todas as artes, de todas as sciencias, até mesmo das mais exactas, que são fontes fartas de poesia, que nos accomette o aparelho sensorial, produz a exaltação intellectual, faz soar a emotividade.

Poesia é a suprema expressão dos sentimentos; poesia é a linguagem suprema. E' a grande estimuladora das faculdades creadoras. Oswaldo Cruz foi o "poeta da acção", como lhe chamou Afranio Peixoto, ao recebê-lo na Academia. Poesia respirava-se no ambiente artistico do seu gabinete na Praia de Botafogo. Poesia inspirou o plano architectonico que, ás mais variadas perspectivas, mas sempre impressionantemente, numa visão empolgante nos offercem as linhas do Instituto de Manguinhos, traçadas em perfil manuelino, sob a suggestão do sabio e artista.

Poesia é a suprema linguagem; e, por isso, para Guerra Junqueiro, um problema politico ou economico pode ser exposto num tratado ou numa ode, "pela mesma razão por que dum bloco de marmore se pode talhar o patamar de uma escada ou a Venus de Milo.

E' a unica arte que tem o privilegio de poder exprimir directamente pensamentos, de se dirigir sem intermediario á intelligencia. Por isso puderam ser vasadas em poesia algumas obras scientificas, que se tornaram obras eternas da literatura, como o poema sobre os "trabalhos e os dias" de Hesiodo, bem como as Georgicas, de Virgilio, que se inspirou no poeta grego; e mais notavelmente o "De natura rerum", de Lucrecio, divulgador da philosophia epicureana.

Poesia tem sido o instrumento de grandes revelações. Parece que a exaltação intellectual e o tonus emocional, que o sentimento poetico acarreta, são elementos dynamicos de sublimação, a promoverem os grandes milagres da psychologia do inconsciente, de que são expressões mais altas as faculdades de previsão dos genios. Si genio é a capacidade de crear, genio é ainda mais o poder de prevér, de antevér, de adivinhar. Shakspeare, em versos de Lady Macbeth, define o cyclo da circulação sanguinea, muito antes que Harvey visse demonstral-o. Lucrecio, dois mil annos antes de Newton, já ensinava que todos os corpos caem no vacuo com a mesma velocidade. nos versos 235 a 240 do Livro II do "De Natura rerum".

E' a antevisão prophetica, o senso divinatorio, a presciencia genial, a se manifestar em funcção da emoção que a obra poetica desperta e exteriorisa.

E que vão medeia entre a Poesia e a Sciencia? Claude Bernard, o maior physiologista do seculo, de quem Gambetta disse, fazendo-lhe o necrologio: "a luz que se acaba de extinguir não será substituida"; Claude Bernard, ingressando, pelo salutar criterio dos expoentes, na Academia Franceza para substituir o grande physiologista Flourens, assim pontificou em seu discurso de recepção:

"Tem-se razão de dizer que as lettras são as irmãs mais velhas das sciencias. E' a lei da evolução intellectual dos povos que tem sempre produzido seus poetas e seus philosophos antes de formar seus sabios. No desenvolvimento progressivo da humanidade, a poesia, a philosophia e as sciencias exprimem as tres phases de nossa intelligencia, passando successivamente pelo sentimento, pela razão e pela experiencia..." E depois "Tudo isto prova que as lettras, a philosophia e as sciencias devem se unir e se confundir na investigação das mesmas verdades".

A lição do fundador do methodo experimental em Biologia entremostra a funcção do sentimento na especulação philosophica e na investigação scientifica. A etapa do sentimento é inicial na faina da pesquisa das verdades; deve preceder as outras; é-lhe phase anterior e preparatoria e basica. Só pelo sentimento se engrandece o espirito. A sensibilidade moral exprime-se como um coefficiente muito mais valioso, no dominio da experimentação scientifica, muitissimo mais apreciavel do que a orientação philosophica sob cuja influencia possa agir o investigador.

Ao homem mais intelligente de sua geração, que foi Sainte Beuve, já expressara esse pensamento, aparentemente paradoxal, o maior sabio de um seculo para nossos dias — Pasteur. Dirigindo-se a Sainte Beuve, cujo curso de eloquencia seguira na Escola Normal,

Luis Pasteur inquietava-se ante os receios de um fracasso dos trabalhos scientificos de Robin, cuja personalidade mental estava grandemente influenciada pela philosophia de Augusto Comte; porque, temia elle. Robin era um espirito apegado a um "systema", sujeito portanto á attracção das idéas preconcebidas e fixas. E, entre ironico e peyorativo, definia os seus temores, concretizados nesta phrase epigrammatica "il se pique de philosophie".

"Minha philosophia é toda do coração e não do espirito" — confessava Pasteur. E, sob essa inspiração sublime, realizou a mais completa, mais creadora, mais humanitaria obra scientifica, que uma só intelligencia fosse capaz de produzir.

A arte é a grande força estimuladora da intelligencia, que ella exalta e sublima; e a poesia é a mais completa de todas as artes.

A poesia é a verdade transformada em sentimento — pensa o maior poeta de Portugal.

A verdade ainda é uma aspiração dos espiritos sãos e libertos. Mas a sua revelação se faz — si se faz! — pela eliminação dos erros velhos e implantação do que se chamam verdades novas, que serão talvez erros amanhã. Tudo pode ruir. Si se acham ameaçadas, em seus alicerces, a chimica de Lavoisier e a mechanica de Newton!...

Só a arte resiste á delapidação dos seculos, só a arte é eterna. Por isso Eça de Queiroz lhe entoou o mais bello hymno de sua alma de artista. E disse: A arte é tudo porque só ella tem a duração — e tudo o resto é nada. As sociedades, os imperios são varridos da terra, com os seus costumes, as suas glorias, as suas riquezas: e se não passam da memoria fugidia dos homens, se ainda para elles se voltam piedosamente as curiosidades, é porque delles ficou algum vestigio de Arte, a columna tombada dum palacio, ou quatro versos num pergaminho. As religiões só sobrevivem pela Arte, só ella torna os deuses verdadeiramente immortaes — dando-lhes formas. A Divindade so fica absolutamente divina quando um cinzel de genio a fixa em marmore. O mais austero catolico é ainda pagão como se era em Citera, deante da Venus de Milo. E a N. S. do Céu só tem adorações unanimes, e louvores sem contestações, quando é o pincel de Murillo que a ergue sobre o Orbe, loura e tocada de estrellas.

A arte é tudo — tudo o resto é nada. Só um livro é capaz de fazer a eternidade dum povo. Leonidas ou Pericles não bastariam para que a velha Grecia ainda vivesse, nova e radiosa, nos nossos espiritos! foi-lhe preciso ter Aristophanes e Eschylo. Tudo é efemero e óco nas sociedades — sobretudo o que nellas mais nos deslumbra".

Possantes e refulgentes lampadarios devem ter illuminado, com o sentimento, os grandes espiritos deste ultimo seculo: Pasteur revelando um mundo novo, que elle adivinhou, creceu e dominou; o casal Curie arrancando da pechblenda uma nova energia — a energia radiante, o metal radio — o mais poderoso agente da natureza; Edison, com o reversibilidade do som, fazendo eterna a voz, todos os sons; Marconi dando azas ao pensamento; Santos Dumont transformando o homeni em ser voador; Einstein, abalando em seus fundamentos a mechanica classica para fundar uma nova mechanica, demonstra que a massa dos corpos, essa propriedade newtoniana que se acreditava ser o symbolo mesmo da constancia, não é mais que um pequeno coe-ficiente variavel, ondulante e relativo; e, passando do estudo da gra-vitação para o da luz, estabelece um laço entre ellas, que o eclipse do sol em 1919 veio confirmar, em Sobral e na ilha do Principe, aos astrónomos de Greenwich e Oxford, ficando provado o desvio da luz das estrellas pelo sol, como tambem que esse desvio tem exactamente a grandeza numerica prevista por Einstein, na correspondencia a um angulo de um segundo e tres quartos.

Cortemos, srs., o fio já demais extenso dessa digressão, para determos a vista ante o quadro presente: a installação solemne de uma Academia, neste "quarto de hora de panico" que as instituições pas-sam, espreitando a revolução universal em seu automovel de freios descontrolados. Tudo em holocausto á fome de trinta milhões de ho-mens, que, por força do preceito da multiplicação, biblica ou não, são em verdade cerca de cem mil entes humanos que padecem fome e frio!...

Uma Academia — quintessencia da espiritualidade — em ple-no momento da desordem universal, essencialmente economica, ca-lamitosa, catastrophica nos seus effeitos universaes. E' muita idea-lidade e muita coragem. Chega a ser mesmo um desafio. Em todo caso é uma exhibição de nobreza, uma ostentação de aristocracia, que, embora da intelligencia apenas, irrita e provoca. Não seja eu quem venha fazer a apologia das academias. Mas não posso, nem devo, desertar este posto que os poderes descricionarios desta casa me impuzeram, "malgré moi, malgré tout"... E, si me não socorrem forças para exaltar a Academia, que me reste um del-gado e frouxo fio de voz para justificar-a. Ao menos contrabatamos as criticas irrazoaveis que certos equivocos geram. A Academia não se attribue immortalidade nem se arroga infalibilidade; apenas via-licidade e boa vontade, a que se addita um pouco de idealismo e de emulação. E' um gremio que se fez e que não morreu. Sirva ao me-nos de exemplo, senão de copia: fundem-se outros, que, si mais ido-neos, mais conquistas e mais direitos lograrão.

Contentem-se os inimigos desta e de outras Academias com a implacável ironia, com a mofa de Anatole France, que foi, elle mesmo, academico.

Excusa remontar á satyra de Scarron, (que se vingava da sua deformação physica estigmatizando os que fossem sãos), e de quem as chronicas reproduzem o epitaphio que para sua propria cova elle em vida traçara : "je ne fus rien, pas même academicien"...

Anatole France, que por começar a ser negado entra agora definitivamente na posteridade, na celebridade de além tumulo, Mestre Anatole diz que os velhos se apegam demais ás suas idéas, ás suas maneiras de ver. E a proposito, commentando o habito que leva os habitantes das ilhas Fidji a matarem seus paes quando estes chegam á velhice, opina com a sua famosa malicia : "Elles facilitam assim a evolução, ao passo que nós lhe retardamos a marcha fazendo academias".

Nesta hora de imprevistos, que não nos surja uma nova theoria de selecção eliminadora. E passivamente teremos de ser sacrificados aos mais novos...

Srs. academicos : si se não vos entibia o animo, nem se vos arripiam as carnes, ao sopro do vendaval, que se avizinha ao clarim dos novos, armados em renovadores de tudo, de tudo destruidores, entrincheirai-vos e resisti. Mas não vos conclamo a resistirdes com os fusis nem metralhadoras, mas com o esgrimismo de vosso espirito, a graça de vossos devaneios, a musica de vossos versos e a sonoridade de vossos discursos, em uma palavra com a poesia de vossa acção. Trabalhar e produzir — é o lemma que resume a mais bella forma de, honrando o Amazonas, honrar o Brasil.

E sobretudo serena as vossas almas, nutrindo-as dos mais bellos e formosos sentimentos, destes que bem sabeis cultivar. Que me seja permittido fazer, embora excedendo os limites de vossa caridosa complacencia, invocação de um nome que leubra um dos melhores espiritos do seculo passado — Ernesto Renan. Relevai-me a ousadia, mas que me seja dada a liberdade de recorrer a este ensinamento fulgentissimo, cheio de luz e de Beleza, de que uma grande formosura moral se irradia docemente. Ouçamello : "Um bello pensamento, um nobre sentimento, um acto de virtude fazem muito mais do homem o rei da creação do que a faculdade de vencer por suas ordens e seus desejos. Esta realza está em nossa alma : o asceta dos desertos da Thebaida, o contemplativo dos cunes do Hymalaia, por tantas razões escravos da natureza, eram mais seus soberanos e seus interpretes pelo espirito, do que o materialista que subverte a superficie do globo sem comprehender o sentido divino da vida".

A vida só vale pelo sentimento, pelo idealismo, pela arte, pela emoção! Que nos amenize a vida atribulada o aroma subtil que se ha de respirar sempre neste ambito illuminado pelos clarões vivificadores do ideal.

E continuemos a aspirar o oxygenio da vida espiritual, sorrindo para admirar, admirando para alcançarmos a essencia esthetica do gozo espiritual e artistico.

Galguemos suavemente os socalcos pedregosos da montanha da vida, voltados para uma visão que sobreoira um halo cheio de refulgencias deslumbradoras, e contemplemos as formas serenas da arte em que transluzem as supremas scintillações do bello e da bondade, na revelação de Deus e de sua grandeza.

E si, na voragem dos successos que se desencadeiam vertiginosamente, tudo ruir, teremos ao menos, na morte sideral que nos surprehender, uma suave e reconfortadora visão paradisiaca : a imagem da bondade a nos alumiar a vida nova em que ingressarmos.

II

Discurso do Sr. Huascar de Figueiredo

Senhores :

Não venho á tribuna produzir um discurso academico. A minha missão está reduzida a intuitos de homenagem, cuja difficuldade apenas se resume em falar da saudade, em nome dos companheiros mortos, associando-os ao esplendor da gratidão, nesta hora de festa para a Academia. Seria natural que os considerassemos assistindo a todos os nossos contentamentos, participando de nossos jubilos. Está ahí, nessa comprehensão, um dos segredos da immortalidade, o sentido mysterioso que a recordação dos amigos tem para dizer aos vivos as suas impressões e se considerar presente em todos os momentos de nossa vida. Immortalidade é lembrança, tanto mais illustre quanto mais carinhosa, tanto mais affectiva quanto mais ligada aos motivos sentimentaes do passado commum, que são as letras do patrimonio espiritual das gerações. Indo buscar o nome dos nossos amigos no repouso da eternidade em que se demoram, agitando-os com a força evocativa da gratidão ou do entusiasmo, para os realçar com o brilho enternecido das nossas homenagens, a tristeza da saudade terá de ceder logar a uma outra especie de recordação, na qual a dor amarga se transfigura na suavidade confortadora e menos colorida da simples lembrança, reconstituindo-se passageiramente as horas de convivencia e os seus momentos gloriosos para os traduzir nos arrebatamentos illuminados dos nossos senti-

mentos actuaes. Assignalando-se hoje, nas ephemerides academicas, uma conquista que não é nossa e sim do Amazonas, as nossas idéas desde logo se precipitam ao encontro dos seus grandes symbolos tradicionaes, palpitando de interpretações novas para os salientar melhor, frisando-se a sua physionomia com o sublinhar das suas attitudes heroicas em face da vida, á qual se dedicaram com o mais vivo dos seus arrebatamentos, como formula de abnegação em beneficio da terra. E' que, máo 'grado as alegrias que hoje nos congregam, a simples evocação do nome do Amazonas traz consigo uma associação de idéas com a lembrança de um grande sacrificio, de uma trajetoria mal vencida de preterições e de abandonos, na qual nos temos collocado com a sobranceira paciente de quem se não sente diminuido e tem a consciencia do seu proprio valor. Esse é, sem duvida, um raciocínio fulminante, que nos leva para o Brasil, como se estivessemos envolvidos pela gravitação inconsciente de forças desconhecidas, da qual não poderemos refugir para a correspondencia de sentimentos semelhantes, que para tanto somos impedidos pelos principios envaidecidos do nosso patriotismo. Aos gestos de indifferença, que tanto nos deviam magoar, oppomos as expressões votivas da solidariedade. Recordam-se as glorias communs da nacionalidade, com as quaes nos alegramos e nos satisfazemos. Não seria de extranhar, portanto, que a Academia, na apothose desta hora festiva, que lhe inscreve na vida espiritual uma pagina de conquista e o instincto da estabilidade para as suas realizações terrenas, que lhe é eminentemente grata e deve ser altamente agradecida, pois lhe permite perder, talvez para sempre, a feição mendicante de uma instituição em busca de pouso, moirejando sob tecto alheio e passageiro, graças á gentileza confortante de outras corporações, que lhe foram sempre generosas na acolhida e no encorajamento, como acaba de ser assignalado pelas palavras inauguraes do nosso illustre presidente, inclusive entre os vivos, que a testemunhamos com o fulgor dos olhos deslumbrados e com a acuidade das nossas previsões para o futuro, aquelles que nos haviam acompanhado e ainda nos assistem — Mello Rezende, Ribeiro da Cunha, Araujo Filho, Raymundo Monteiro, Thaumaturgo Vaz, Alcides Bahia, — abraçando-os com o carinho da saudade para os associar ao nosso deslumbramento victorioso. E' que, entre os dois sentimentos, nenhuma divergencia ha que os distancie para sua significação neste momento. São ambos a mesma pagina academica, a que tanto nos temos dedicado e que temos escripto na historia amazonica com a sublimidade dos nossos devotamentos. E se não é justo iaiar ao Brasil em nome do Amazonas com essa impressão de igualdade, que

os agradecimentos definem, outro tanto se não poderá dizer com a lembrança dos nossos companheiros, que aqui se encontram em espírito, satisfeitos com a victoria esplendente da confraria da immortalidade regional, á qual souberam dar o relevo da sua intelligencia e a prova dos seus applausos. Elles foram nossos quando ainda nada de material havia nos nossos registos, nada que se pudesse approximar desta realização de grandeza, que a nossa festa de hoje realça e commemora. Mas, para que proseguir nesta romaria de evocações? Baste-nos considerar a hora academica pelo seu alcance de espiritualidade, pela sua expressão congratulatoria. Vivemos todos um instante historico para o Amazonas, uma sensação confortadora da vida do Amazonas, que é um reflexo grandioso da gloria do Brasil...

NOTA — Este discurso não foi stenographado. Resumido, por um esforço de reconstituição, fugindo a qualquer ampliação, o mais possivel de accordo com o seu desenvolvimento na occasião em que foi proferido.

III

Saudação da Academia, proferida pelo sr. Leopoldo Péres.

Sr. NELSON DE MELLO :

Ainda que outros serviços, multiplos e relevantes, não houvesse prestado á terra amazonense, justificando a confiança publica que fervorosamente vos rodeia, bastaria o com que vos impuzestes á estima e ao reconhecimento deste sodalicio literario, para integrar na memoria da simpatia coletiva a vossa personalidade e o vosso governo.

Ha-de parecer, desde logo, a um critério superficial, que vai nesta afirmação uma espécie de auto-elogio, uma fórmula mais ou menos vituperiosa de excessivo envaidecimento, a traduzir porventura a convicção de uma benemerencia ou de um prestigio social, que não deveríamos de ser os primeiros a invocar pro domo nostra. Na realidade, porém, não é ao ato do interventor Nelson de Mello, naquilo em que diréta ou imediatamente nos aproveita, que se dirige a intenção óbvia do asserto, — tão eloquente se mostrou a unanimidade consagradora dos aplausos com que o festejaram, para honra da Academia, as élites mentais do Brasil,—mas, em particular, á significação ultima do gesto, á sua expressão moral, ao seu conteúdo psicologico, como prova de um excepcional e, nos dias que correm, quasi alarmante apreço aos homens de letras, ás manifestações da intelligencia, ao valór e á projeção do elemento intelectual.

Nada ocorreria, de resto, que admirar nesse fato, si elle denunciasse, a qualquer aspecto, uma mudança de attitudé na mentalidade dos nossos governos, ou fôsse uma resultante logica e espontanea da elevação gradativa do nivel cultural, a revelar tendencias de espiritualização dos nossos habitos politicos ou, pelo menos, um tal ou qual sintoma de racionalização das esféras do poder.

A verdade, todavia, pése-nos embóra acentuá-la, é que, sob esse prisma, somos e continuaremos a ser, ainda por muito tempo, — os que pensamos e escrevemos neste país, — uma casta de condenados, uma raça de precitos, párias e ilótas, cuja influencia nos dominios politico-administrativos importaria, de certo, estôrvo irremovível e inaturavel ás jornadas gloriosas, entre liricas e dramaticas, da nossa liberal-democracia. . .

* * *

Residuo inerradicavel de um véiho e absurdo preconceito, generalizado entre os que se apoderaram do regime, e o desfiguraram sem piedade, logr ás etapas iniciais do seu advento, nada obstante a suntuosa armadura constitucional em que o procurou estruturar o visionarismo juridico do Patriarca, — ficou e ainda hoje se conserva, com irrupções iterativas, no entendimento empirico dos seus detentores, o presuposto execrando de que os homens de pensamento e de cultura não se adaptam e são, bem ao revés, de todo em todo inassimilavóis ás situações e ás responsabilidades do poder. E' o estribilho da incompetencia. E' o aforismo da incapacidade. E' a exaltação do demerito. Inverteram-se as guardas ao crédo civico do Mestre. E daí, necessariamente, a proscricção santificadora mas iniqua em que morreu Ruy Barbosa, apezar dos seus cincoenta annos de coruscante e indefesso batalhar pela sublimação dos instintos republicanos, ao serviço do direito e das mais nobres e levantadas aspirações da consciéncia humana. Daí, por via de consequencia, o desalento incuravel das nossas gerações desta centuria, já de si deshematosadas, deshumanizadas, desmoralizadas pela infiltração agnostica, pelo relativismo, pelo imediatismo, pelo materialismo da hora presente, — "gerações desertoras", sem norte e sem ideal, que perderam o sentido de sua finalidade historica e se deixaram, como se deixarão arrastar, dócilmente, ás mais arriscadas experiencias subversivas.

A hipotese comporta, aliás, uma exata e sugestiva interpretação psicanalitica. E é a que nos offeréce, com tanta elegancia vernacula quanta erudição scientifica, o eminente professor Porto-Car-

rero, na sua admirável exégesse do phenomeno brasileiro, á luz do critério freudiano.

E' que, sendo por indole e definição o governo do povo pelo povo, ao menos a ficção, a mystificação desse sistema, a democracia liberal, demo-liberalismo ou, si quizerem, a democracia *tout court*, tem a ser, ao cabo de contas, o governo da mediocridade, — numa palavra, a mediocracia. A lei de Galton, assinalando a preponderancia dos graus inferiores no ciclo incoercivel das gerações, descobre "uma triste imposição biologica", a que não logram escapar os agrupamentos humanos e, pois, os seus órgãos de relação, si oriundos da massa. Ora, o homem mediocre — que Ingenieros perfilou num livro celebre — ou é o incapaz, o falhado, reagindo pela inercia e pelo conformismo ás exigencias de evolução do grupo a que pertence; ou é o revoltado, o mitomano, cujas reacções se processam em raptos de violencia e de insubmissão á *contrainte* normativa do meio. Á ambos de dois, por inibidos moral e intellectualmente de vencer na maratona do merecimento e da acção, empolga-os o complexo de inferioridade e são, por isso mesmo, levados a combater a todo transe os tipos mais aptos, — donde esse surdo, obnoxio rancôr da mediania contra as inteligencias superiores, de voos e descortinos alcandorados. E esses individuos, verdadeiros sub-homens, — **undermen** na tecnica de Stoddart (apud Porto-Carrero), — é que formam, de ordinario, as falsas élites culturais e, mais tarde, as falsas élites dominantes, com preterição sistematica, á escala vista, das gemas de primeira agua e das estrelas de primeira grandeza.

* * *

A crise actual da nossa civilização encontra nesse estado de coisas as suas raizes profundas. E o phenomeno brasileiro enquadra apenas uma face da desordem contemporanea. Mas uma transmutação radical na tabôa dos valores éticos e sociais já se verifica em prognosticos animadores. Ha uma nova concepção da existencia e do mundo. Ha um novo sentido da vida. Ha uma nova filosofia da cultura e uma compreensão mais transcendente dos destinos do homem no Universo. Ha, enfim, uma mais dolorosa "angustia de uridade", para falar com Mithouard, citado no luminoso ensaio politico de Miguel Reale. E essa renovação formidavel de rumos e perspectivas, de idéas e directrizes, é evidente que se opéra, e com uma rapidez prodigiosa, para o centro de equilibrio de que nos desgarraram as forças desapoderadas do individualismo rousseauiano, a culminar na gigantesca saturnal de creação, de destruição e de liberdade, que foi o seculo passado, segundo um escritor moderno.

Entanto, si ao conceito climatico do individuo, — do individuo no apogeu de sua expansão, — ou, antes, si á hipertrofia do individuo se substitúe o conceito dinamico das multidões organizadas, menos certo não é, por outro lado, que só a rebelião, o primado, a hiperdemocracia das massas, incapazes para o exercicio de faculdades autárquicas essenciaes, isto é, para o governo de si mesmas, tornou possível — na observação de Ortega y Gasset — o advento ou o resurgimento do Estado-fôrte, a saber, das “minorias excelentes” polarizadas, hoje mais que nunca, na personalidade fascinante dos seus meneurs.

E isso que ac insignissimo pensador iberico parece indicar o maior perigo que ameaça a nossa agoniada e renascente civilização, a saber, a estatificação da vida, a absorção de toda a espontaneidade social pelo Estado, a nós se nos afigura o acontecimento mais auspicioso da epoca que vivemos, significando, em frente ás incertezas e aos enigmas de nossa marcha para o futuro, uma fecunda convalescença das energias morais que conduzem á ordem, á autoridade e á hierarquia. A restauração desses principios substanciaes ao governo, á vitalidade e ao destino das sociedades humanas, feitas á imagem e semelhança dos seus condottieri, é exactamente o signo resplendente do nosso tempo e da era creadora, mas construtiva e organica, cujo limiar ingressamos com a alma banhada em aleluias de esperança e o espirito em Deus.

* * *

Eis aí está, sr. Nelson de Mello, e em ultima analise, a razão de ser do ascendente myral e do prestigio magnifico, que tivestes a fortuna de alcançar, desde o primeiro instante, no sentimento do Amazonas. A multidão, por uma dessas misteriosas afinidades que a psicologia coletiva não conseguiu ainda fixar, sofreu sempre, de resto, a ação catalitica das personalidades fôrtes. Ponto está, tão sómente, conforme á experimentada advertencia de Mussolini, num dos seus colóquios com Ludwig, em afeiçoar a massa como artista. Foi o que fizestes. E lapidarmente.

Mas não é tudo. Porque releva não esquecer tambem a obra intensa de vossa administração, norteadá de maneira inexoravel pelo diptico de Moralidade e Justiça, que lhe traçastes de inicio, impondo-vos de motu proprio as duas mais tremendas obrigações a que lembraria vincular-se a consciencia moral, a fé intremula, a serena intrepidez de um lídimo homem de Estado. Tudo, porém, se poderá talvez resumir, e isto implicará, sem favor, o maior elogio ao caráter do cidadão e á enfibratura do patriota, no asseverar-se o

que todos unanimam em reconhecer e proclamar : que tendes sabido manter, no governo, os vossos compromissos de soldado da Republica, fiél, irredutivelmente fiél, ás promessas e aos sacrificios do idealismo generoso e ardente que vos levou ás trincheiras de Catanduas e ás rudezas da justa fratricida, sob os implacaveis determinismos da honra militar.

Na taréfa administrativa, provendo á inversão rigorosa dos dinheiros publicos em proveito das necessidades comuns; velando na observancia da lei e das franquias individuais que nela se enquadram, andais, já, para além do que á vossa capacidade onimoda fóra lícito exigir, numa etapa tão curta de esforço, diante de questões, quais as nossas, de tamanha e tão atordoante complexidade.

Logo de começo, bem avisado vos mostrastes na acertada intuição de que o fenomeno politico-social do Amazonas, vale dizer, o fenomeno amazonico, como a mesma natureza portentosa do vale, excéde e supéra de muito, para uma visada de conjunto e, pois, para um apercebimento global dos seus infinitos problemas, os mais amplos e clarividentes descortinos sociologicos, as mais poderosas synthes construtivas.

Como o naturalista, que, ainda em nossos dias, embora os copiosos subsidios de investigação scientifica, tonteará na "vertigem do deslumbramento", si se abalançar a apreender de um surto os segredos da jargia maravilhosa, em cujos fúlgidos horizontes Euclides divisou, a escrever-se, a ultima pagina do Genesis, terá o homem de Estado, nestas latitudes, de adstringir-se, por força, ao trabalho remorador das equações parciais, applicadas e resolvidas, objetivamente, a cada uma das hipoteses que se depararem a desafiar-lhe a sagacidade e a experiencia.

* * *

Na Amazonia, tudo nos fala, com efeito, de uma túrbida efflorescencia de vida em organização, de fórmulas elementares, de energias profundas, que se elaboram em estupendo dinamismo, plasmando um mundo novo, um mundo *in fieri*. Foi o que vislumbrou Keyserling, nas suas Meditações Sul-Americanas, quando se referiu, com indiscutivel agudeza de analyse, á terra "desordenada e vasia" e ao "homem telurico" do Continente do Terceiro Dia da Creação.

As observações do solitario itinerante de Darmstadt, documentadas, respeito á diluviandia imensa, com as paginas por vezes arripiantes de La Voragine, de José Eustasio Rivera, — a que chamou "a mais grandiosa epopéa que da selva virgem homicida jamais se escreveu até agora", — confirmam, de ponta a ponta, as inferencias

e deduições de Euclides, e denunciam na perpetua instabilidade do cenário e do homem, na perene e convulsiva transfiguração do universo amazonico, o sistema de forças primordiais, absolutamente incontrolaveis, a condicionarem, no plano da vida economica e politico-social, a solução definitiva e totalitaria dos seus problemas ou, melhor, do seu grande problema.

* * *

E si da ordem puramente administrativa passarmos á ordem puramente social e politica, veremos que timbrastes sempre em revelar, com a vossa afirmativa e impressiva personalidade, esse alto senso de deveres e responsabilidades, que é, porventura, o atributo maximo do chefe de governo. E de tal geito se caracterizou, no meo dos negocios e interesses publicos, vossa exemplarissima intransigencia, raizante até, para muitos e a espaços, na intolerancia e na rispidez, que bem vos diriamos nesse ponto inspirado naquela sábia reflexão do breviarío maquiavelico, acerca de como devem os principes resistir ás sugestões entorpecentes da vaidade, do parasitismo e da flatteria...

Mas, sobretudo, sr. Nelson de Mello, — e este é, a nosso vêr, o vosso maior galardão, — não vos deixastes arrastar, pelo fastigio e pelas obsessões do mando, á apostasia de vossa intemerata crença revolucionaria, nem incorrestes, como tantos outros e tresdobradamente, nos erros e vícios, desmandos e calamidades, que apontavam ao regime vencido, e os teriam compelido a compartilhar a contingencia amargurada de uma luta entre irmãos. Isto quer dizer que não vos prosternastes nem genufletistes em face dos idolos que havieis ajudado a incinerar. Cavalheiro sans peur et sans reproche, soubestes refugir ás delicias de Capua e ás voluptias efemeras do poder. E destes com isso um nobre, raro e quasi singular exemplo ao Brasil. Tanto mais quanto, no Amazonas, vossa permanencia á frente do governo resultaria, automaticamente, a um gesto de aquiescencia vossa, da espontanea e univoca aclamação plebiscitaria dos vossos concidadãos: seria um imperativo irrecorrivel da vontade popular, a cujo mandato unanime só os elevados escrupulos de vossa consciencia civica lo-graram ostar.

Nem outra coisa foi, aliás, o que vos fez sentir a Academia, pela voz autorizada de seu egregio presidente, esse luminoso Adriano Jorge, e no uso de prerrogativa, que se lhe não póde recusar como exponenciação mais erguida do pensamento do Estado, assegurando-vos, por antecipação, a solidariedade irrestrita dos seus aplausos, a coincidirem em tudo com o sentimento inequivoco do povo. E claro

é que, só á ingenuidade lórpa dos papalvos ou á solercia tendenciosa dos peccadores de aguas turvas, que por aí enxameiam á espreita de oportunidades para as manivas da intrujice provinciana, se lhes apresentaria semelhante atitude, de tão legitima significação e intenção patriótica, como de ingerencia nossa, minima que fôsse, nos domínios da politicagem regional, a cujas transações e competições, expedientes e cortilhos sempre, mercê de Deus, sobrepairou esta Companhia.

Sr. Neizon de Mello :

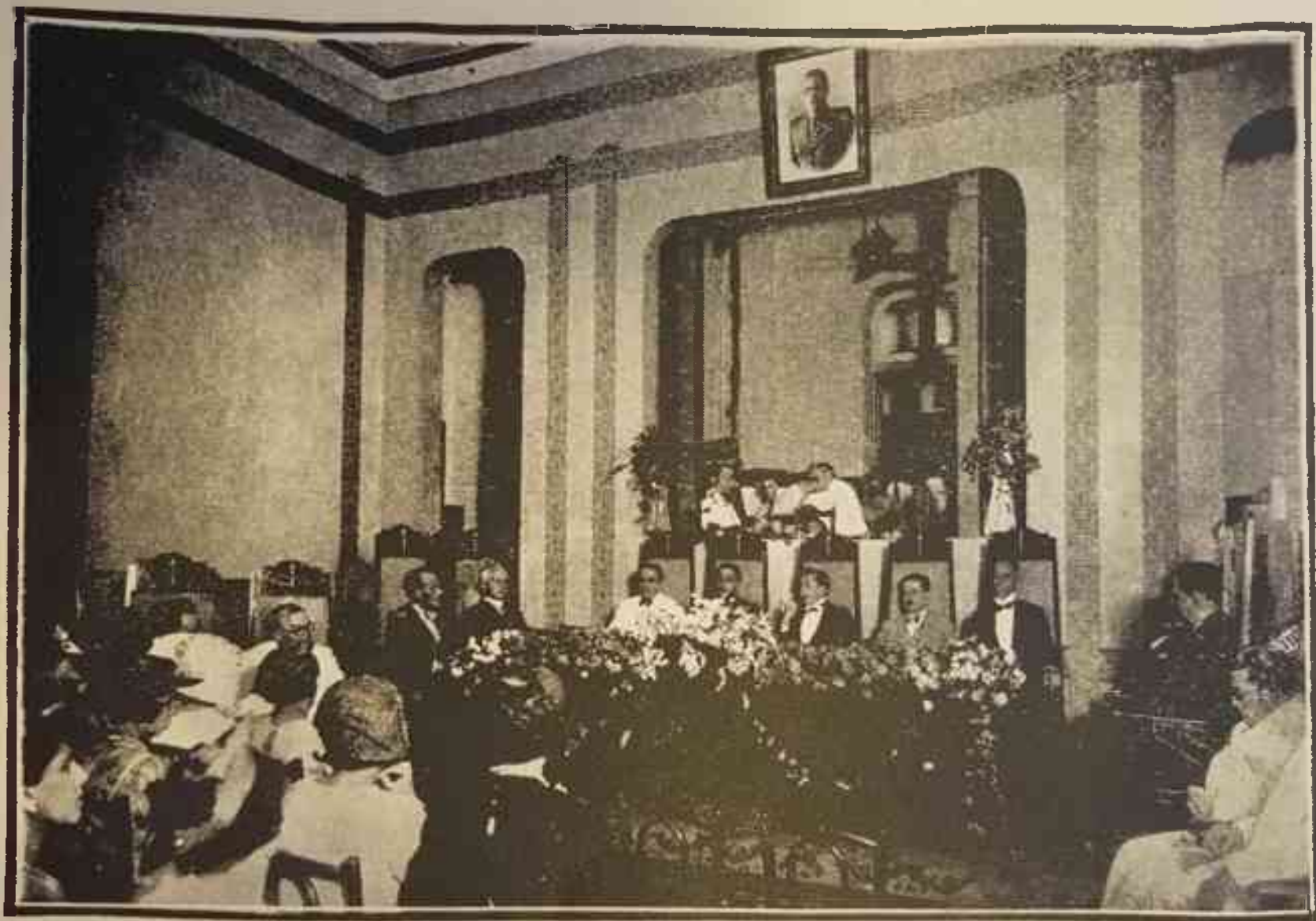
A Academia Amazonense de Letras corria o dever indeclinavel de associar á festa inaugural desta casa a homenagem que hoje vos rende, com as expressões da mais efusiva e jubilosa cordialidade. É um preito de rudimentar justiça a quem tudo devemos. Fortes, na realidade, o consolidador da existencia, por assim dizer, exclusivamente espiritual da Academia, possibilitando uma mais larga, fecunda e radiosa projecção dos seus objectivos de estudo. Éramos, com effeito, até ontem, pouco menos do que uma caravana de obstinados pelejadores das letras, á feição de homéridas e rapsodos errantes, solidarizados tão só nas gestas heroicas do sonho creador, no orgulho da gloriosa tradição comum e na fidelidade aos ritos supremos da intelligencia e da heleza. Homem de pról na acção e nas armas, mas, antes disso, homem de idéas, com uma formosa visão panorâmica sobre os quadrantes do pensamento moderno, quizéstes proporcionar, e proporcionastes, ao nosso indefesso labôr intellectual, com o domicilio permanente, a alegria do tétó definitivo, que nos faltava. Mas não vos contentastes com isso e, para maior envaidecimento nosso e testemunho mais eloquente do vosso apreço aos valores eternos da sensibilidade e do espirito, houvestes ainda por bem chamar ao posto de maxima responsabilidade cultural do vosso governo um dos maiores dentre os grandes nomes, com que se preza esta Companhia de opulentar o patrimonio mental do Brasil: Pericles Moraes. Nada temos, contudo, que vos agradecer. E isto porque, outorgando-vos a Presidencia de Honra da Academia, já não vos consideramos nem recebemos como a ádvena ou estranho, — mas como a um dos nossos, e dos mais dilétos. Não sois hospede entre nós. Ao de perto, em presença, ou ao de longe, em espirito e co-ração, aqui ficareis, doravante, identificado fraternalmente conosco, na boa e na má fortuna. Estais em vossa casa.

é que, só á ingenuidade lôrpa dos papalvos ou á solercia tendenciosa dos pescadores de aguas turvas, que por aí enxameiam á espreita de oportunidades para as maniversias da intrujice provinciana, se lhes apresentaria semelhante attitude, de tão legitima significação e intenção patrióticas, como de ingerencia nossa, minima que fôsse, nos dominios da politicagem regional, a cujas transações e competições, expedientes e corrilhos sempre, mercê de Deus, sobrepairou esta Companhia.

* * *

Sr. Nelson de Mello :

A' Academia Amazonense de Letras corria o dever indeclinavel de associar á festa inaugural desta casa a homenagem que hoje vos rende, com as expressões da mais efusiva e jubilosa cordialidade. E' um preito de rudimentar justiça a quem tudo devemos. Fostes, na realidade, o consolidador da existencia, por assim dizer, exclusivamente espiritual da Academia, possibilitando uma mais larga, fecunda e radiosa projecção dos seus objetivos de estudo. Eramos, com efeito, até ontem, pouco menos do que uma caravana de obstinados pelejadores das letras, á feição de homéridas e rapsodos errantes, solidarizados tão só nas gestas heroicas do sonho creador, no orgulho da gloriosa tradição comum e na fidelidade aos ritos supremos da intelligencia e da beleza. Homem de pról na ação e nas armas, mas, antes disso, homem de idéas, com uma formosa visão panorâmica sobre os quadrantes do pensamento moderno, quizéstes proporcionar, e proporcionastes, ao nosso indefesso labor intellectual, com o domicilio permanente, a alegria do tétto definitivo, que nos faltava. Mas não vos contentastes com isso e, para maior envaidecimento nosso e testemunho mais eloquente do vosso aprêço aos valores eternos da sensibilidade e do espirito, houvestes ainda por bem chamar ao posto de maxima responsabilidade cultural do vosso governo um dos maiores dentre os grandes nomes, com que se préza esta Companhia de opulentar o patrimonio mental do Brasil: Pericles Moraes. Nada temos, contudo, que vos agradecer. E isto porque, outorgando-vos a Presidencia de Honra da Academia, já não vos consideramos nem recebemos como a ádvena ou estranho, — mas como a um dos nossos, e dos mais dilétos. Não sois hospede entre nós. Ao de perto, em presença, ou ao de longe, em espirito e co-ração, aqui ficareis, doravante, identificado fraternalmente conosco, na boa e na má fortuna. Estais em vossa casa.



Aspecto da sessão solenne de instalação da séde definitiva da Academia e homenagem ao sr. Capitão Nelson de Mello, Interventor Federal no Amazonas.

IV

**Resposta do Sr. Nelson de Mello,
em agradecimento.**

Sr. Presidente da Academia,
Minhas senhoras,
Meus senhores,
Srs. Academicos,

Podeis bem avaliar o embaraço confrangedor que me encolza o espirito, avêssô, por temperamento e por profissão, ás tiradas oratorias em que se comprazem os espiritos de escol, ao ter que balbuciar, neste augusto cenaculo -- onde se acham reunidas, nesta festa memoravel da intelligencia, as mais fulgidas expressões do Amazonas intellectual -- algumas palavras de agradecimento a tão desvanecedora quão immerecida homenagem.

Senhores. Ainda resôam aos meus ouvidos os ecos dos discursos proferidos, aqui, pelos oradores que, com o atticismo e as galas de um estylo academico, saudaram e exalçaram, com uma generosidade só egualada á cultura que exorna seus espiritos, o meu gesto singelo de doar á Academia Amazonense de Lettras, uma séde condigna ao nobilissimo fim a que se destina. E a esse meu acto de governo, que pratiquei com a frieza e a serenidade do cumprimento trivial de um dever, responde a élite intellectual amazonense que constitue este sodalicio, com o esplendor desta festa que me deslumbra e me commove : deslumbramento pelo brilho mental que della resumbra e commoção pela munificencia dos corações que a organizaram. Longe estava eu, dentro da recalçada modestia da minha rude vida de soldado, sem reclamos e sem refólhos, toda ella sulcada de luctas eruentas, de sacrificios e de renunciias de toda sorte, pelo ideal de um Brasil melhor, longe estava eu, dizia, de aspirar ou, siquer, sonhar

as homenagens excepcionaes de que sou alvo neste momento, com a presidencia de honra que me conferistes e a apposição do meu retrato na sala de sessões deste sybedrim das lettras. Se não fôra meu espirito blindado contra quaesquer velleidades, certo julgar-me-ia, nesta hora, merecedor de todas as provas de apreço que me daes. A vossa fidalguia e magnanimidade, acolhendo-me nesta casa, meço-a, antes, pelo jubilo que alvoroçou vossos corações, ante a grata nova de que a vossa familia espiritual já possuía um tecto. E esse jubilo e essa satisfação, incontritos, obumbilaram vossas lúcidas intelligencias, determinando estas manifestações, que são as alviças que vossa longanimidade me concede pela minha modesta contribuição, toda de ordem material, ao vosso indéfesso e estérno labor espirital.

Que no Amazonas, terra proverbialmente dadivosa, que já prodigalizou riquezas, a mancheias, por todo o Brasil, só recebendo, em troca, negações e apêdos, surja, — são os meus votos, — um Mecenas magnifico, um émulo do livreiro Alves, que, ao revés da modestissima oblata que, nesta hora, se festeja, institua um vultoso legado, dando a esta tertulia o conforto material que tão bem se casará ao seu fastigio litterario.

Seja-me licito aproveitar a oportunidade, que se me antolha, para, encerrando estas breves palavras de desvanecimento, pela magnitude desta recepção e pela honra do vosso convivio espirital, almejar á Academia Amazonense de Lettras uma longa e remansada existencia, para que ella possa, na dóce paz, tão suave e tão propicia ás concepções do espirito, attingir a sua meta: as justas mercedas da intelligencia, para maior irradiação cultural do Amazonas, no Brasil. Disse.

PERICLES MORAES

Um innovador da critica literaria: Benjamin Lima

Uma experiencia rapida insituida dentro do problema Literario veio demonstrar como um theatrologo notavel póde transformar-se de repente num critico. Fel-a o sr. Benjamin Lima, e o exito foi decisivo e consideravel. O seu recente livro "ESSE JORGE DE LIMA!..." revela-o um julgador que exercita a critica de maneira original, innovando, renovando, abalando em seus fundamentos os rotineiros processos de julgar. Nesse trabalho não se limita exclusivamente ao estudo de um poeta modernista e de suas novas tendencias intellectuaes. Dando-nos a illusão de que apenas se restringiu á superficie, aos contornos exteriores, penetra a fundo a alma e os sentimentos do artista, e, com successo, procura descobrir-lhe as directivas da intelligencia. Ostenta somente as bellezas e os encantamentos da obra, deixando-nos a impressão, aliás erronea, de que lhe escaparam á visualidade muitas de seus segredos e de suas imperceptiveis anomalias. Sente-se-lhe a preoccupação de não doutrinar, de não estabelecer regras, de não impôr theorias, de fugir o mais possivel ás formulas consagradas, o que não o impede, como juiz, de proferir as suas sentenças com profundeza e rectidão. Expõe os seus pontos de vista com um sorriso amavel, ás vezes levemente ironico, intencionalmente malicioso, mas não chega a susceptibilizar, nem sequer a produzir irritações passageiras no melindre alheio. Não é do seu feitio ir ao cerne da arvore. Deixa-se ficar no cortex, para onde convergem as suas investigações, tomado do receio piedoso de que uma ferida mais adentro póssa talvez sangrar. Nota-se-lhe o exaggero das precauções á imminencia de um conceito mais agreste, e não nos passa despercebida a flexibilidade de suas idéas, ondulando subtilmente, indecisas, quasi amedrontadas, toda vez que se faz mistôr o esclarecimento de uma controversia, delimitada entre angulos obscuros. Através de sua maneira de vêr e da habilidade, que lhe é congenial, de não dizer tudo, existem em perfeito equilibrio as virtudes reaes da obra com as suas lacunas irremediaveis, as suas qualidades com os seus peccados immanentes. Não existirá para esse julgador singular um suppôrte falso, da obra em debate, que não esteja escudado em alicerces massigos. Não fará restricções a uma impericia de technica ou a um desvio de directrizes, sem descobrir para logo a maneira de contornar as asperezas de suas asser-

tivas, se asperezas se podem chamar as alcatifas menos suaves na extensão de um caminho de oiro e de velludo. Póde-se dizer que na sua crítica "les duretés pleuvent avec les douceurs". São-lhe infensos ao temperamento a analyse severa, a autopsia escalavrante, o rude escalpello que forceja por desagregar as cellulas do organismo. Ha nelle uma delicadeza quasi feminina no tratar a phrase quando urge a fixação de um modo de apreciar contrario ao seu. As suas idéas, embóra diametralmente oppostas ás doutrinas e ás idéas do livro sob a sua inspecção, se revestem de tal ductilidade, de malleabilidade tão característica, que, sem a providencia de um exame mais a rigor, somos levados a acreditar que as opiniões divergentes se conjugam e se identificam sustentando identico raciocinio. Mas incidimos em puro engano. Esse critico, de extraordinaria disciplina de espirito, traz consigo o dem precioso da dialectica seductora, da sophistica inebriante. Não se arroga o direito de aferir valores com a faculdade de divergir completamente. Prefere deixar a apparencia de ter apenas concordado, e consegue discordar, collocar-se em campo adverso, infundindo-nos a convicção de uma illusoria homogeneidade de idéas, de uma irreal fusão de pensamentos. Discute, explana, assevera, contesta, sonda, perscruta, quando no exame á tessitura da obra que lhe cáe sob os olhos atilados, desmembrando-a como se manejasse as peças de machinismo complicado. Não lhe fica por estudar um só de seus aspectos, uma variante inédita de sua feitura. Em tudo, porém, encontra não a oportunidade para uma despielenda attitude litteraria, para uma inutil exhibição de cultura, mas o delicioso pretexto para um traço imprevisito de sua intelligencia fascinante. Assim, construida em capitulos breves, em annotações quasi vertiginosas, em periodos laconicos e incisivos, a sua critica, sem ser sobrecarregada de citações e superabundante de divagações insipidas, se revela sólida, com methodo e profundez, definindo-lhe a compleição intellectual e exteriorizando-lhe o talento peregrino, as aspirações de sua nobre sensibilidade. E' um prazer dos sentidos acompanhar-lhe, em qualquer direcção, o percurso das idéas. A's vezes, quasi sempre, de permicio com um preceito de arte, através desses fios de seda que lhe formam o estylo, está latente um corpo de pensamentos, de idéas secretamente unidas, realçando-lhe a elegancia e a aglidade do espirito. Não lhe agrada a complexidade. Todo o seu esforço tende para a realização de obra maior com o menor contingente de materia prima. E nesse modo de agir, nada ha de forçado e de superficial. São claras as suas trajectorias, como é transparente e lucida a explanação de suas théses. Espirito synthetico,

porque systematico e intuitivo, um traço aligeiro na sua prosa denuncia-lhe de subito a origem e a filiação das idéas; e um outro traço, perdido no meio do contexto, accusa o pensador, defendendo superiormente as arestas frageis de uma affirmação philosophica, esmerilhando um principio de alta casuistica, explicando uma causa para esclarecer uma idéa, esclarecendo um desvio de concepção para encontrar a expressão exacta do seu pensamento, desenvolvendo um commentario para estabelecer um argumento. Sem duvida, não será por todos bem comprehendido esse escrupulo que se tornou uma função precípua na sua maneira de critico. Já se não ignora que a moda, entre nós, é julgar de afogadilho, commettendo injustiças, opinando perfunctoriamente, sem aquelle exame nitido e intuitivo que deve preceder ao estudo especial das circumstancias particulares e sensíveis que imprimem aos homens e ás obras as suas verdadeiras características e os seus impressionantes relevos. Hoje, não se affirma com o lastro de argumentos capazes de sustentar e defender os seus propositos, de molde a tornal-os viris e insuspeitos. Não se deduz por um conjuncto de observações seguras que se constituíram elementos indispensaveis para taes deducções. Não se classifica por um processo equanime e impessoal de aferir culturas e seleccionar intelligencias. As affirmativas são levianas; as conclusões quas; sempre erroneas; as selecções fatalmente negativas. A critica ou se diminúe e desacredita pela impostura de um elogio falso e compromettedor, que lhe denuncia as sympathias pessoais; ou então se revela suspeita, capciosa e sem elevação, pela parcialidade aggressiva e injusta, sem esconder sequer o resaiço amargo da desaffeição que a concebeu.

A critica do sr. Benjamin Lima é muito differente. Não se parece com nenhuma outra critica. Tendo como poucos a faculdade de saber penetrar a obra na complexidade de seus problemas mais indistinctos e menos perceptíveis, não se escraviza de modo algum, a pontos de vista preconcebidos. Esforça-se por interpretar-a dentro do espirito que a creou, de conformidade com as idéas da época e as causas exteriores das quaes dependeram a sua concepção intima, e colloca-se como julgador acima das proprias paixões, numa atmosphera de consciencia e responsabilidade, absolutamente liberta dessa orthodoxia estreita que proscree a obra e tenta supprimir o valor, a acção pessoal do escriptor, todas as vezes que os seus conceitos não se amoldem ou não se adaptem no código restricto dos sentimentos e pendoros do critico. O sr. Benjamin Lima faz critica por amor da belleza e da intelligencia, sem ficar adstricto a preconceitos de escolas. Critica que se conserva alheia ás virtudes

negativas do escriptor para contemplar-lhe apenas os horizontes elevados, as idéas nobres e corajosas. Critica clarividente, que sabe definir e julgar na medida justa, sem intolerancias e sem desconformes louvores, mas que não confunde a esthetica do artista com a technica do artifice, e que considera a obra literaria como se fosse, antes de tudo, uma verdadeira obra d'arte.

Através desse processo de analysar, que é uma resultante de sua "psyché", ou antes, a faceta reveladora de uma das modalidades do seu temperamento de artista, communicando-nos sempre a vibração nervosa de sua sensibilidade hyperesthesiada, surge a radiosa physionomia litteraria de Jorge de Lima, poeta e prosador, vexillario de uma escola, animador entusiasta de um movimento revolucionario. Não obstante a sua estrutura feita em notas syncopadas, verdadeiras maravilhas de synthese, apesar de esculpturada em imagens sorridentes e fugitivas, a critica, como se fosse um retrato, embevece para logo, reflectindo, no molde e no apuro constructivo, a feição amavel do seu espirito, desdobrando-se aqui e ali em epigrammas que não magêam e em aphorismos cuja leveza jovial quasi lhes dissimula a indiscreção. O sr. Benjamin Lima retracça esse estudo com o impulso do pintor que, dominado por uma força obsessôra, se apaixona pelo retrato, o anima e lhe dá vida, sem considerar-se satisfeito enquanto a eloquencia dos retoques lhe não accusar a perfeição do conjuncto. Os capitulos, plasmados no melhor estylo, são curtos, breves, harmonicos, impressivos. Em cada periodo, entretanto, existe uma idéa, uma exposição nua e fiel do seu pensamento, uma fórmula superior de suas emoções. Tudo diferente dos processos daquelle celebre padre Guéranger, relembrado por D'Aurevilly, numa satyra amarga contra o príncipe de Broglie, que publicava nada menos de vinte e dois artigos compactos, no "Monde", para dizer "un petit mot". O seu estylo, ao contrario, é feito apenas de idéas. Nada de ornamental, de escolastico ou declamatorio. Nada que se assemelhe a esse prurido cabotinesco de sobreabregar os textos de citações inúteis e transcripções inopportunas. As suas opiniões são definidas numa rondilhada tessitura de idéas, das mais lucidas, das mais plasticas e saborosas. E' um escriptor sem circumloquios e cujo espirito não se compraz com a metaphora ou a amphibologia. Admira, por certo, o talento de Jorge de Lima, salienta-lhe as configurações refulgentes, mas não esquece de anotar-lhe as fragilidades. Surprehende o prosador nos momentos mais culminantes de sua obra e, sem nenhum esforço, com absoluta isenção, em nome da disciplina e da belleza, lhe não esconde as deficiências a corrigir. Acredita, por exemplo, no quanto

existe de futurismo no romance "Solomão e as mulheres", do escriptor alagoano, porque está convencido de que esse futurismo é "manifestamente falso". Releva notar que, alludindo aos futuristas, dentro das paginas do livro inteiro, é a unica vez que o sr. Benjamin Lima se nos afigura cruel e sem piedade. O mal de Jorge de Lima e de Plínio Salgado, que são, a seu vêr, dos campeões da esquerda literaria, é terem ambos "as exterioridades do futurismo, o que denuncia nesses autores a preocupação, seu tanto ou quanto pueril, de passarem por extravagantes e revolucionarios". Ahi o critico de "ESSE JORGE DE LIMA!...", sem temer o perigo de vir a ser lapidado, não tem indulgencia para a mediocridade da maioria dos escriptores modernistas. Hostiliza-os com vigor, deixando entrever no sulco de suas palavras o gosto dos commentarios humoristicos. Aliás, ainda que vasadas em moldes superiores, taes considerações não representam um libello isolado contra essa corrente renovadora de idéas, cujos defeitos e qualidades o sr. Tristão de Athayde summariou no excellente artigo consagrado a Marinetti. A critica contemporanea, por muitas de suas vezes mais autorizadas, já se insurgiu contra essa literatura anarchica e deformadora, contra essa systematica subversão de valores e de principios até então admittidos, e cuja finalidade essencial era divorciar-se de tudo quanto se relaciona com o passado e com a tradição, destruindo-os inflexivelmente em todos os seus aspectos de eternidade e de belleza, para justificar uma visão deformada e falsa do real, para explicar a singularidade de uma attitude charlatanesca e maisã. Outras penas inflamadas e da mesma intrepidez não têm cessado de clamar contra esse movimento inconsciente e mystificador, que até hoje não conseguiu interessar a nossa intelligencia e a nossa sensibilidade, revelando os preciosos dotes espirituaes de seus legionarios. Porque, em verdade, no Brasil, ainda ignoramos os symbolos notaveis desse movimento novo, dessa literatura que se denomina modernista, de incriveis maneirismos e ridiculas acrobacias, cujas tendencias são mais destructivas do que constructivas. E' certo que, como bem asseverou Gabriel Brunet, sob o vocabulo "moderno" se confundem duas literaturas muito diversas: "uma que é "bluff" e charlatanismo, e outra que traduz as attitudes novas da alma humana em face de todas as questões eternas. A primeira resolve o milagre de romper com a tradição sem abrir vias novas, mas existe, indiscutivelmente, uma literatura moderna que, sem desprezar os esforços do passado, crê que a série das respostas do Universo á impercível curiosidade dos homems não se exgotará jamais". Como quer que seja, não sei se me foi possivel comprehender e penetrar o sentido

da época actual, no que concerne a movimentos renovadores, ou melhor, no que diz respeito ás innovações artificiaes das gerações moças, trabalhadas de todos os lados por influencias nocivas e contradictorias, sem que se lhes pôssa divisar a finalidade, mas devo confessar que persisto em manter senão uma postura de indiferença completa, pelo menos de hesitação e scepticismo. Não acredito na amplitude e na força do que se convencionou classificar de "espírito moderno", nem concedo o titulo de obras-primas ás realizações dos seus jovens e inexperientes vulgarizadores. Creio, sim, que o momento é de dispersão, de anarchia e deploravel dispersão intellectual. Caracteriza-o, expressivamente, tacteando em busca de formulas insólitas, uma corrente reaccionaria, ensofregada e anomala, que investe pretendendo devastar o que ha de grande e de respeitavel na galeria dos escriptores e cientistas que formam o patrimonio de nossa raça. Não se trata, porém, de uma reacção de idéas e de principios. Nada disso. Esses risíveis "menus seigneurs et baladins des lettres" tentam uma demolição "á outrance", de homem para homena, de obra para obra, sem uma forma espiritual dirigente, em defesa de theorias, de escolas e de manifestações literarias que, por anachronicas e sedições, já se encontram sem nenhuma expressão moral ou mental no espirito dos homens de cultura de além-Atlantico.

Longe de mim, todavia, o proposito de reconstituir neste instante, em torno da obra do illustre critico brasileiro, todo o movimento de idéas e de opiniões que a corrente modernista suggeriu e despertou nos mais altos circulos intellectuaes do paiz. Tão pouco inclúe na ordem das minhas cogitações o valor do artista que esteve em causa durante essa formosa peregrinação literaria através dos livros e das literaturas, como tambem me não enleia a perspectiva de discutir se a admiração do sr. Benjamin Lima pelo autor de *ESSA NEGRA FULÔ!*... é merecida, e se, de véras, deve ser considerada legítima tal nomeada. Fazendo parte da galeria dos medicos-escriptores que se notabilizaram em nossas letras, o sr. Jorge de Lima sobre ser, nas hostes modernistas, umas das figuras de mais destacado realce, pelo seu entusiasmo de renovador e pelas ardentias do seu espirito, é um escriptor de élite, um perfeito animador, no sentido raro e magnifico desta palavra, animador cuja visão esthetica, quando deformada e falseada do real da vida e da arte, como no caso do seu "modernismo" á maneira do "satanismo" de Baudelaire e do "snobismo" de Proust, justifica apenas uma attitude paradoxal, de vez que, ao lado do revolucionario, do reaccionario modernista installado voluntariamente, caprichosamente, na

desintelligencia de seu tempo, subsiste, produzindo effeitos singulares, num conflicto de duas personagens no mesmo homem, o artista verdadeiro, o poeta de inspiração e sensibilidade, o letrado erudito cujas idéas escapam ao prosaismo das curiosidades artificiaes, á banalidade das controversias correntes. Se, contudo, todas essas nobres prerogativas impostas pelo talento não bastassem para consagrar-lhe os remarcados meritos, o formoso ensaio critico de sr. Benjamin Lima, em definitiva, operaria o prodigio. Mas na sua critica não ha apenas o panorama da vida intellectual contemporanea. O seu estylo e a sua sensibilidade não significam tão sómente a moldura que faz a fortuna do retrato. Observando, criticando, refutando, negando, tomando partido, timbrando de rigor em exhibir as preferencias da esthesia refinada, automaticamente, por sua vez, expõe as suas proprias idéas ás aventuras da critica, estimulando uma floreação de interpretações e debates. Consente-se em escutar-lhe as destemidas assertivas, em seguir-lhe em todas as direcções a finura do espirito, mas fica-se a suppôr que a sua critica, ao geito da de Gide, é um mero pretexto, um momento inquieto de sua emoção e de sua idéa, uma necessidade incoercivel de quem vive pelo cerebro. Fingindo procurar um autor, com traduzir as angustias metaphysicas, psychologicas, moraes e sociaes de nossa época, a si mesmo é que procura, é a si mesmo que projecta, com aquelle "poder reflector" a que alludiu Proust, definindo o genio. Assim, no espirito do livro que analysa vae encontrar uma fonte inestranque de impressões e de hypotheses, para deixar ás claras, com bravura inexcedivel, os seus pontos de vista, e defendel-os com galhardia. Inconciliavel com o logar-commum dos conceitos que já se reduziram a "clichés", não intenta apparentar a expressão individual do seu pensamento; e, máo grado o estadear de uma admiração, talvez um pouco excessiva e convencional, pelo autor que lhe serve de motivo ás digressões eruditas, não está de accôrdo com o rythmo de suas admirações. Proust é um exemplo. Rompendo com as convenções tacitas respeitadas até hoje por todos os grandes biographos e analystas da obra do autor do "A la recherche du temps perdu", não vê nenhum inconveniente, ou antes, faz mesmo questão fechada "de não dissimular o seu completo indifferentismo pela obra prousteana". As théses do sr. Jorge de Lima, para disputar em concurso a cathedra de literatura do gymnasio alagoano, podem ser de optima feitura e revelar-lhe uma aresta fascinante da intelligencia. Tudo isso e mais alguma coisa o critico não contesta. O que, porém, lhe não está de conformidade com as exigencias do gosto, são os conceitos que, em torno de determinadas figuras literarias, a erudição e a cultura do

seu autor ahí deixou ficar fixados. Marcel Proust, no seu entender, "é um escripter que nada innovou, absolutamente nada, nos methodos de psychologar, de namar"; e Mario de Andrade pretendeu, "pelo menos, haver arremettido contra todas as lições dos antecessores. No primeiro, continua o sr. Benjamin Lima, o que se vê de inédito, na melhor das hyptheses, e a exaggeração dos processos classicos, levada ás raizas de um minudencismo que lhe deu direito de ser proclamado "le prince des raseurs", em todas as épocas e em todos os paizes; no segundo, o maximo que é licito vislumbrar-se de interessante, para lhe ser gentil e... ao sr. Jorge de Lima, é a obstinação, decididamente doentia, de subverter o mundo da esthetica, e inverter as regras todas de composição litteraria".

É impressionante o desassombro de taes opiniões. É ainda mais impressionante é a franqueza aggressiva pela qual, inicialmente, despercebido do effeito que o seu julgamento possa produzir, o ensaista de ESSE JORGE DE LIMA!... estabelece uma concepção opposta a tudo quanto se tem dito e escripto a tal respeito, sem se arreceiar da alude de anathemas que poderia desabar-lhe sobre a cabeça. Por maior que seja a minha espantosa incompreensão deante de certas obras que já mereceram o suffragio universal, veto um respeito sagrado, á mingua de coragem, — que me perdoem a covardia desta confissão! — aos arestos inappellaveis da posteridade. Comtudo, assim estimulado, no tocante á obra de Proust, eu propendo a subscrever integralmente todas as proposições do sr. Benjamin Lima. Em consciencia, não me é licito affirmar, sob pena de incorrer em flagrante escandaloso de inverdade, que já experimentei a gloria de haver transposto, de extremo a extremo, as suas paragens impervias e inextricaveis. Mas foram innumeraveis as tentativas fracassadas que fizeram perder-me no emmaranhado dessa immensa vegetação stendhaliana, para onde fui attrahido, insensivelmente, pelo entusiasmo contagioso dos ardentes reveladores de seu genio, sem que me fôsse outorgada a graça infinita de descobrir-lhe claramente, nitidamente, a belleza e os sortilegios. A despeito do resplendor de sua gloria, tudo o que ha de grande e admiravel nas paginas desse singular psychologo do peccado — a sua faculdade excepcional de pintar os estados d'alma e de esquadrinhar os recantos ennuclados da vida interior, o seu esforço instinctivo para harmonizar o inconsciente e a consciencia, para coordenar a sensibilidade e o pensamento, para solidarizar o coração e a intelligencia, — em summa, todo o aspecto numeroso e genial de sua obra, remanesce empannado por essa tendencia morbida para a analyse, traduzida na affectação enervante do seu estylo, que lhe foi

uma tortura e continúa a ser um supplicio para os que lhe tentam apprehender as idéas, estylo que "fouille et farfouille les travers", de estafantes e morosas divagações, capazes de fatigar e fazer adormecer o leitor mais prevenido. Seja como fôr, de lado as deficiencias do estylo, é consideravel a influencia do seu genio nestes ultimos tempos. Creio que foi o sr. Gaston Rageot, tentando mostrar os elementos novos e profundos de sua personalidade, constituindo-lhe o renome e a gloria, quem descobriu haver varias categorias de leitores de sua obra: os que não a leram, porventura os mais entusiastas; os que apenas a leram em parte, em trechos esparsos, formando o grupo dos indecisos; e os que a leram inteiramente, entre os quaes se orgulhava de enfileirar-se o sumptuoso ensaista de "La Beauté". Depois do innominavel sacrificio que presumo haver feito o sr. Benjamin Lima, esflorando de volume a volume essa obra exhaustiva e extenuante, para com segurança impôr-lhe tão severas restricções, em detrimento dos falsos idolatras, ninguem lhe poderá recusar insuspeição no julgamento. E' mistér frizar, entretanto, que esse heroísmo de affirmar, reagindo contra a petulancia e a pedanteria de certa casta de eruditos, que exalta por suggestão de terceiros, na inconsciencia do valor intrinseco da obra, não é peculiar a todos os escriptores, a todos os criticos. O sr. Paul Morand, no seu bello livro "L'Art de Mourir", refere que só em seus ultimos momentos, já desenganado pelos medicos, sem nenhuma probabilidade de escapar á morte, com absoluta certeza de que não sobreviveria á sua confissão, Lope de Vega teve a coragem de bramir uma apostrophe em calão, traduzindo a sua repulsa ao Dante. Verdade é que outros escriptores, fiando-se na celebridade dos proprios nomes, jámais pensaram em esperar o momento final para deixar transparecer as suas aversões literarias. Stendhal não tolerava Goethe, Taine não comprehendia o genio de Hugo, e Lamartine choccarava das "facécias" de Rabelais, arrevesando injurias a Byron.

Em Benjamin Lima, porém, é innata essa faculdade de imprimir ás idéas a sua physionomia verdadeira, resistindo a todas as forças e a todos os elementos dissolventes que collaboram em dispersar a alma do critico e lhe envilecer as opiniões. Constitue a expressão individual do homem, de seu temperamento, de suas affinidades espirituaes, a resultante de uma experiencia unica e intransmissivel da integridade do seu pensamento. Nada obstante, sem a menor intenção de irreverencia, confesso que, nem mesmo ás portas da morte, como o prosador espanhol, eu me revestiria do animo sufficiente para revelar tudo o que sinto e tenho recalçado sobre

as idéas e o estylo da obra de um dos maiores romancistas da nossa lingua, cujo nome estaria consagrado pelo consenso unanime de todos os homens de letras do paiz, se, isolando-se em uma excepção, a autoridade de Sylvio Romero não tivesse averbado de refalsada, illegitima e inaprodente a superstição collectiva. Nem mesmo na hora extrema — tal o poder inhibitorio de minha reconhecida inidoneidade, — eu me aventuraria ao risco de ser queimado ainda vivo, manifestando o meu scepticismo pela grandeza dessa obra, que nas suas monotonas e invariaveis apparencias, nas suas esvanecidas perspectivas constructoras, deixa em revelo, sem duvida alguma, o cunho do vernaculista de polpa, do amoroso do idioma, não conseguindo realizar, entretanto, aquelle milagre de perpetuo renovoamento, que é o indice, a scentelha vital das creações de genio.

Ha ainda outros aspectos de alta belleza no ensaio de critica do sr. Benjamin Lima. Todos lhe definem o talento, lhe explicam a tendencia das idéas, a expressão superexcitante de uma aguda sensibilidade. Filão precioso, que para ser efficientemente explorado requer o cultivo dos livros e a intimidade dos mestres, a critica é a flôr do pensamento, a orchidea esquisita e rara que só germina e desabrocha nos campos onde existem as sementeiras das idéas; e se, para Hello, foi, antes de tudo, a consciencia literaria, para o autor de ESSE JORGE DE LIMA!... é tambem uma festa do espirito, uma voluptuaria alegria, uma arte de fremitos e de belleza, onde os sentidos se exaltam ao contacto da vida, e as idéas, exuberantes de saúde, lhe são a resultante de um prazer esthetico que senhoreia todas as formas de cultura.

Se não fôsse do meu intuito delimitar o ambito destas circumvoluções literarias, que não poderiam se estender a todas as encruzilhadas de sua complexa personalidade de escriptor, força seria alludir, nesta hora, ao jornalista, á elegancia espiritual, á distincção aristocratica de seus commentarios politicos; e não esquecer a figura do conferencista insigne, que tem a arte luminosa de dizer e o instincto surprehendente de pensar e de fazer pensar, deixando que, no fluxo e refluxo de suas palavras, as idéas se espraiem em todas as direcções, como veio crystallino que rolasse rebrilhante e polychromico por entre escarpas e penedias. E seria forçoso reconhecer, simultaneamente, o dramaturgo. Nestes dominios, então, a figura de Benjamin Lima se alteia e domina, vigorosa de autoridade, de ascendencia espiritual, de seducção magnetica. Em nossa literatura theatral, na actualidade, é um dos nomes de maior lustre. Tendo sentido, como nenhum outro escriptor de sua geração, as tenazes da vida, nas emocionantes alternativas da amargura e do

soffrimento, a golpes de provas redobradas conheceu todos os refólhos da alma humana, todos os meandros do coração, e assim conseguiu vislumbrar o homem no espelho da introspecção, no mysterio interior do seu destino individual. E desse tirocinio demorado, a inquietude infatigavel de sua imaginação creadora construiu symbolos vivos e immortaes, typos eternos projectados do rythmo frenetico da vida moderna.

Benjamin Lima é o mais genuino florão da nobreza intellectual amazonica. Os louros de seus triumphos deve-os á metropole, é certo, foram conquistados com energia, sacrificio e serenidade, em escaladas penosas e torturantes, rompendo os assedios da mediocridade e do despeito, no turbilhão da Cidade Maravilhosa. Mas foi na Amazonia gigantesca e genetriz onde se abriram para a vida os seus olhos deslumbrados. Foi sob a adustão de seu clima e a trama selvagem de suas florestas que se fertilizaram as sementeiras de sua intelligencia e se lhe amadureceram as faculdades de conceber e de crear, e onde se formou o seu espirito e se educaram as qualidades mestras do escriptor e do artista, para o surto das idéas e as realizações gloriosas de sua obra.

Janeiro, 1934.

Pericles MORAES



Na cadeira de Farias Brito

(Discurso de recepção do Sr. Manoel Anísio Jobim)

Exmo. Sr. Interventor Federal. Srs. Membros da Academia Amazonense de Letras. Minhas Senhoras. Meus Senhores.

A Academia Amazonense de Letras, que forma o expoente da nossa cultura literaria e scientifica, num gesto de comovedora bondade, elegeu-me para fazer parte de sua companhia e incorporar-me aos seus brilhantes destinos. Só á bondade, digna irmã do genio, só a um generoso impulso de extrema benevolencia, devo a minha admissão a este gremio; porque me sinto, sondando o intimo da existencia e as forças psiquicas com que me dotou a natureza, imerecedor de tal honraria. Não foi com pouco embaraço que acorri ao vosso apêlo, que o recebi, anelante e opresso, senhores academicos, pezando a responsabilidade que recaía sobre os meus ombros. O vosso gesto contudo, apesar de representar o maximo de distincção á minha desvaliosa pessoa, não tem neste momento o poder de uma consagração, e sim, como diz o egregio Euclides da Cunha, o formidavel paizagista d'“Os Sertões”, “um tácito compromisso de alterar-me por outros trabalhos até a vossa nobilitadora simpatia”. Não quero estabelecer paralelo entre mim e o estranho e fulgurante escritor d'“A Margem da Historia”. Sirvo-me apenas de sua frase para objectivar um pensamento que me ocorre e que não podia traduzir melhor do que êle. E por invocar o nome prestigioso do soberano agitador de emoções, deixai que ainda uma vez a êle me refira, lembrando a sua impressão sobre a Amazonia generosa. Ao subir o imenso rio, o poeta, que sabia agitar a sua prosa com um largo sopro de vibração nervosa, calou o seu desapontamento ante a planície chata, desoladoramente fastidiosa, sem uma ondulação, que lhe dêsse um relevo expressivo, — “uma especie de naufragio da terra, que se afunda e braceja convulsivamente nos esgalhos retorcidos dos mangues...”

Desceu, porém, em Belem, e parou um momento no Museu do Pará, a conversar com Emilio Goeldi e o dr. Jacques Huber, duas nobres figuras de naturalistas e sabios. E ao regressar para bordo, trazendo uma monografia de Jacques Huber sobre a região, e ao deletrear aquelas paginas formosas de um ineditismo empolgante e construtor, Euclides sentiu-se outro, o artista vibrou no acento da

Amazonia, agora transfigurada aos seus olhos. Aquela monografia produzira-lhe a revelação de um mundo novo. Viu pela primeira vez o Amazonas. "Salteou-me, afinal, exclama ele, a comoção que eu não sentira". Compreendeu "o ingenuo anelo de Christovam da Cunha : o grande rio devera nascer no Paraizo". Euclides então descreve com a vibratilidade e a paixão, que eram a força fascinadora do seu estilo, o surpreendente espetaculo que lhe proporcionava a corrente impetuosa, enorme, larga e profunda do rio Amazonas, e compreendeu "que a terra toda surge á flor das aguas e emerge mais e mais, crescendo na ascensão da seiva das florestas atraídas vigorozamente pelas energias incomensuraveis da luz". Uma cousa, porém, não pode dissimular : a amargura, que lhe ficou no intimo da alma, a "preocupação dezanimadora" que o acabrunhava. E era o que ele aprendera a ver no naturalista, que sem ser poeta nem lirico, lhe havia comunicado a verdade candidamente", usando um idioma estranho gravado do aspero dos dizeres tecnicos". Avaliou então quanto é difficil "uma cousa trivialissima nestes tempos, em que os livros estão atulhando a terra, escrever . . ."

Si para o glorioso cinzelador dos "Contrastes e Confrontos", lendo Jacques Huber, a dor de não attingir a eloquencia, a que o outro soube tanto elevar-se, lhe anuviou um momento o espirito de eleito, imaginaí agora o que se não passa comigo, que hoje penetro arquejante o augusto e resplandecente regaço do silogeu amazonnense, e experimento o contacto confortador da vossa intelligencia e illustração.

Simples escrevedor de cousas do Amazonas, um mero e mediocre observador do ambiente que se desdobra por 1.825.997 kls. quadrados, só no nosso Estado, não imaginava que um dia pudesse receber da vossa solícita benevolencia o acolhimento que me deslumbra e que me orgulhece. Não se trata de uma mal disfarçada modestia, de um modo suave de encobrir minha timidez, não. Seria mentir, obumbrar a verdade, e a mentira, segundo o eminente Farias Brito, patrono da cadeira que tenho a honra de ocupar, é uma forma de actividade anti-social. E' que para o filosofo cearense ou antes brasileiro a verdade é a norma de conduta das nossas ações.

Estava a mim reservado falar de um peregrino espirito de pensador, escrever as linhas mestras de sua obra, dar uma idéa da sua construção scientifica, da projecção do seu horizonte mental, e ao mesmo tempo dizer do seu carater, da brandura dos seus costumes, da austeridade de sua personalidade, do amor pelo seus semelhantes, e o aferro, o devotamento com que desenvolvia as suas idéas para levar a paz aos espiritos.

Os philosophos teem na sua maioria qualquer cousa de apóstolos e de santos. Ha nêles uma consciencia superior, que o estudo da natureza e do homem, dos ritmos da vida, lhes proporciona. Na antiguidade grega, vemos Pithagoras, que teve em Roma uma estatua levantada em sua honra. A sua habitação foi transformada num templo e a sede de sua escola consagrada ás Musas. Diz Visconti que, si a seita italica pareceu eclipsar-se durante alguns seculos, ela iluminou-se de novo clarão, quando o Cristianismo, tendo mostrado aos mortais um pouco de virtude até então desconhecida, os pagãos acreditaram encontrar na vida de Pithagoras alguma cousa que o aproximava destas maravilhas. De fato, o inspirado filosofo, pela tradição dos milagres que operava, pelo grande numero de partidarios de sua doutrina, transformada em religião, após sua morte, era considerado um semi-deus. Houve mesmo uma seita cristã que associou a imagem de Pithagoras á de Jesus Christo. Zenon, o inventor da dialética, que subtilizou tanto que fez nascer dela o cepticismo, Zenon deixou uma quantidade de seguidores, conhecidos na historia da philosophia pelo nome de eleatas. Socrates é um belo exemplo de virtudes morais e de heroismo. Como se sabe, esse illustre filosofo, que traçou novos caminhos para chegar á verdadeira ciencia, pregando normas de conducta e reformas de costumes, foi acusado pelos seus inimigos de ter opiniões religiosas diferentes do culto publico e de ensinar maximas proprias a corromper a mocidade e de fazer maus cidadãos. Foi condenado a morte que êle aceitou com toda serenidade, bebendo a cicuta. Entretanto a sua vida, os seus actos são considerados padrões modelares de virtudes austeras. Platão, "o mais brilhante discipulo de Socrates", pela força da imaginação, pela magia do dizer ultrapassou em celebridade todos os sabios seus contemporaneos (1).

Basta referir que suas lições sobre a moral passaram incolumes através da theologia cristã, e muitos escritores da igreja primitiva abalançaram-se a dar á doutrina revelada as fórmulas e os nomes usados por Platão na Academia. E ainda hoje, observa Visconti, as sociedades sabias da Europa moderna não cessam de pagar um tributo de veneração á memoria deste grande sabio.

Carnéade excedeu a todos os philosophos de seu tempo pela eloquencia surpreendente, faustosa e quasi divina, diz um seu biographo,

(1) — Visconti, "Iconographie Grecque", Vol. I.

que êle empregava em todas as ocasiões, até morrer tísico aos 85 anos de idade. Aristoteles, o genio que reformou a historia natural e a filosofia, teve, consagradas á sua memoria, um grande numero de imagens. Felipe mandou erigir-lhe uma estatua em Delphos. Teria, senhores, que enumerar outros nomes: Théophraste, Antisthenes, Diogenes, Heráclito, Euclides de Mégara, uma lista rica de constelações.

Nos tempos que sucederam a antiguidade grega não são menores os testemunhos de admiração que a humanidade tributa aos seus philosophos de envergadura verdadeiramente superior, iluminados, que se esforçam por desvendar-lhe novos horizontes á contemplação da natureza e do destino do homem.

R. de Farias Brito, si não é um alto espirito creador, um predestinado, pertence com justiça á estirpe dos que sabem ver claro no livro da mãe natureza, e altear-se pelo engenho aos magnos problemas da vida, ás transcendencias dos problemas do cosmo.

Nascido no Ceará, terra da luz, terra de tantos vultos notáveis na poesia, no romance, na critica, fez-se professor e advogado, ao mesmo tempo que ia ascendendo o seu indiscutivel merecimento nos graves assuntos da filosofia. No Pará e no Rio de Janeiro, onde exerceu com brilhantismo a sua profissão, deixou sulcos inapagaveis da sua competencia tecnica, do fulgor da sua mascula intellectualidade. No Pará, foi lente honorario da Faculdade de Direito e, no Rio de Janeiro, professor do Collegio Pedro II. Conquanto a sua projecção de advogado seja das maiores, a sua grandeza, neste particular, não póde ser equiparada a de um Rudolf Von Ihering, a de um Hermam Post, a de um Tobias Barreto. Queremos dizer que não foi um jurista filosofo, isto é, "um destes tipos representativos, na frase do jurisconsulto Clovis Bevilacqua, de uma nova fórmula de fundamento juridico, quando não creadores de uma fase nova da ciencia". Não era esta a face primordial de seu fecundo talento, por mais avançado que êle fosse em idéas juridicas. O seu grande renome está em ser filosofo. Era êle um mestre insigne de varias disciplinas, mas foi no terreno da filosofia que a sua individualidade se ergueu, altanou-se no horizonte espiritual da sociedade brasileira, onde escasseiam os philosophos dignos deste nome e obras de incontestado merito, indo se projetar lá fóra, extra-muros. Farias Brito era um excelso e profundo pensador, tendo deixado obra copiosa.

Iniciou a publicação de seus livros em 1895, sob o título geral de "Finalidade do Mundo". São ensaios diversos, que em conjunto formam uma síntese espiritualista da vida, assim divididos :

"A Philosophia como actividade permanente do espirito humano" (1895).

"A Philosophia moderna" (1889).

"Evolução e Relatividade" (1905).

"A verdade como norma das acções"

"A base Physica do espirito" (1912).

Outros trabalhos escreveu destinados a completar a sua doutrina, sendo o seu ultimo livro "O mundo interior".

A terceira parte da "Finalidade do mundo — O mundo como actividade intelectual" (1905), é dedicada pelo autor a seu pai Marculino José de Brito, falecido em Fortaleza, a 10 de Agosto de 1901. O amor filial rebenta e soluça em lagrimas através das suas palavras de saudade no pórtico deste admiravel livro : "E' de joelhos, meu Pai, que faço á vossa memoria, para mim sagrada, o oferecimento deste livro. Possa este fato servir como prova de sinceridade de meu pensamento, pois eu não vos poderia oferecer senão o que ha de mais digno e mais alto em tudo o que porventura me seja possivel aspirar e produzir". Se isto prova a gratidão do continuador do carater, das qualidades de espirito e de coração de Marculino José de Brito, é o livro um monumento imperecível de bronze, que á sua memoria levantava a pena brilhante, esmerilhadora e firme do filho agradecido, que se convenceu da imortalidade do homem, vendo seu pai morrer, assistindo-lhe á agonia lenta e delorossissima.

Farias Brito, fazendo a analise das teorias da sucessão indefinida dos mundos, segundo Spencer, Blanqui e Gustavo Le Bon, da volta eterna de F. Nietzsche, que não conteem sinão a noção da imortalidade na concepção naturalista do mundo, diz que continuaremos a existir através das inumeras transformações a que estamos sujeitos, e nem pela morte cessaremos de ser, "porque na evolução universal tudo se renova, tudo se repete e nada se perde". Para ele a morte é natural, a morte não é um mal, porém um bem.

Em Farias Brito encontra-se o individuo despidido de paixão e de vaidade, encarando os fenomenos com serenidade. "O filosofo, afirma ele, não se irrita, nem se revolta : observa e explica. Tudo tem sua justificação, tudo tem a sua necessidade. Por isso observa sem constringimento e sem odio todas as convulsões sociais, assiste

com calma a todas as tempestades do mundo. O filosofo não pôde ter fraqueza, nem odio, não pôde ter indignação nem revolta. Seu ideal é a verdade, e esta só pôde sair vitoriosa". Isto dizia êle a proposito dos maus humores de Ernesto Haeckel, derramados contra o papismo e sobre o que êle chamou "o triste capitulo da politica". Haeckel sustenta que todas as imperfeições da vida social tem sua explicação no seguinte: "que a maior parte dos funcionarios são precisamente juristas, homens de uma cultura toda de fórma mas destituídos deste canhecimento profundo da natureza humana que só se pôde beber na antropologia comparada e na psicologia monista; privados deste canhecimento das relações sociais, cujos modelos nos são fornecidos pela zoologia e a embriologia, pela teoria celular e o estudo dos protistas". Farias Brito insurge-se contra o mestre da "Historia da Creação Natural", relembrando que já os positivistas diziam que os homens do direito não tem competencia para dirigir a sociedade, porque não sabem matematica, e agora era Ernesto Haeckel quem vinha proclamar que os males sociais são todos provenientes do papismo e do fato de que os jurisconsultos não sabem zoologia, lamentavelmente desconhecem as ciencias naturais.

Para êle as causas são outras, sendo que o principal, o verdadeiro motivo das perturbações por que passa a sociedade no momento atual do espirito humano, é a decadencia do sentimento moral, oriundo da crise por que atravessa o mundo.

O escritor com aquela facundia de idéas, aquela formidável dialetica, aquele penetrar agudo de pensamento, comenta exaustivamente Haeckel, Conte, Spencer, Nietzsche, Darwin, todos os grandes pensadores, desde os mais antigos aos mais modernos, numa romagem maravilhosa de saber, guiado pelo intuito unico de encontrar a verdade, que, na sua expressão, nasce muitas vezes dos corações mais simples, como por uma especie de inspiração do alto. "O genio não é um esforço, mas uma alucinação".

A análise da doutrina de Haeckel leva-o a dizer que tal teoria já foi proposta em forma rudimentar, ha mais de dois mil anos, por Leucipo, Democrito, Epicuro, Lucrecio, completada por Descartes, Hobbes, Leibnitz e outros, e a que deu um fundamento empirico o químico inglês Dalton. Haeckel no seu monismo naturalista chega á conclusão de que o eter é o principio creator, o eter é Deus.

Por seu lado, Farias Brito havia proclamado em 1891 que Deus é a luz, e refere que S. Thomaz de Aquino "o mais autorizado re-

presentante da fé revelada", já tinha dito positivamente --Deus é a luz

O teísmo de Haeckel, como adverte Farias Brito, pouco adianta aos teólogos, "porque o filósofo não só identifica o seu teísmo com o panteísmo, como demais a mais identifica o panteísmo com o ateísmo".

Farias Brito vai buscar ainda no vasto sistema de Malebranche uma afirmação de que Deus é a luz. Deus não está fóra da natureza, mas na natureza mesma.

"Neste sentido, diz êle, é verdadeira a proposição de Malebranche: nós vemos todás as cousas em Deus". (II)

Foi, porém, na construção filosofica de Spinoza que êle encontrou o mais sólido apoio para as suas concepções. "Se ha alguma filosofia a que meu pensamento se prenda, é exactamente a de Spinoza". Farias Brito sustentou que a moral é o fim da filosofia.

Para este autor a moral é o elemento primeiro, a alma da filosofia, sendo que si o homem precisa se esforçar por conhecer a significação da existencia universal, é unicamente porque tem necessidade de deduzir com segurança as leis da conduta. "Em resumo, explicava êle, a filosofia é o esforço pela verdade, e esse esforço pela verdade que é o primeiro dos nossos deveres, só tem por fim a realização do bem, isto é, da moral". Para Spinoza o homem está sujeito a afecções ou paixões, e é por efeito destas paixões que é levado a obrar.

O homem obra sempre por força de suas paixões. Deste modo, assevera o filósofo, que resumimos através de Farias Brito, é sempre das paixões, em ultima analyse, que parte o principio da determinação das paixões. Ora, as paixões são boas ou más. Si o homem age sob a influencia de uma paixão má, produz necessariamente uma má ação. Si obra sob a influencia de uma boa ação, produz necessariamente uma boa ação, "salvo si paixões de outra natureza lhe vêm modificar a direção da conduta, de onde a infinita gradação da moralidade".

O homem deve proceder sempre bem e para isto só ha um meio, é alcançar o dominio sobre as paixões, ou viver conforme a razão ou conhecer. Em síntese: o homem dominado pelas paixões é escravo; o homem dominando as paixões é livre. O conhecimento é a condição fundamental da liberdade, o principio e a vida da ordem moral. Foi recapitulando a maravilhosa doutrina de Spinoza

(II) — A "Filosofia moderna", pag. 180.

derramou em torno de si a semente frutificadora do bem, guiando-nos neste mare-magnum de incertezas, em meio á inquietação que oprime a alma dos povos. Certo que eu não vim acompanhar de perto os plautros do beneditino, que consagrou os dias de sua existencia atormentada, num batalhar continuo em busca da verdade, da cerebração que se libra aos paramos do pensamento puro, ás mais altas indagações, para conhecer-se a si proprio e conhecer a natureza, e ensinar com a sua palavra meiga, cheia de doçura e harmonia, o paraizo da beleza imortal, o bem pela satisfação intima que nos traz, pela compreensão que podemos obter no estudo do cosmo e da vida.

Não quero dizer com isto que elle fosse um esteta, um artista, um poeta, pois ha uma corrente de pensadores que irmanam a filosofia com a poesia. E o proprio Farias Brito disse: "A filosofia supõe a ciencia e deve ter por base a ciencia; mas, partindo daí deve jogar com todos os elementos de prova e com todas as forças do espirito, sem excetuar a imaginação; o que até certo ponto justifica a confusão que se faz entre a filosofia e a poesia. Uma nota particular deve sempre ter em vista o filosofo: a dôr, — a dôr, esse misterio sagrado da existencia. O mais alto grau da dôr e o sentimento do sublime como mais alto gráu da emoção estética, são extremos que se tocam". (IV)

Não posso, senhores, forrar-me ao desejo de transcrever aqui algumas palavras de Tasso da Silveira, um dos maiores criticos da geração brasileira de hoje, sobre o autor da "Finalidade do Mundo" e o "Mundo Interior".

"Farias vinha publicando os seus livros havia, talvez, vinte anos. E em volumes extensos, que só por puro milagre puderam ser trabalhados no Brasil, depositara, como em camadas estratificadas, a reflexão de toda uma existencia dominada pelos problemas profundissimos do espirito. Farias representava, só por si, um exemplo prodigioso. E uma esperança luminosa para o destino do nosso pensamento".

Para o judicioso critico faltava, porém, ao emérito representante da reação contra o dogmatismo materialista, um sopro vivificador, si assim se pôde dizer, uma faculdade de expansionismo, de vibração irresistivel para alcançar as consciencias e communicar-lhes a foice do combate ao cepticismo desalentador, e inocular-lhes a crença, a fé nos nossos destinos, de uma filosofia espiritualista. Esta alavanca, esta força propulsora encontrou-a Farias Brito no largo e generoso cérebro de Jackson de Figueiredo com a irrisão de uma

(IV) — "A base fisica do espirito", pag. 68.

que Farias Brito julgou asado firmar seus principios de finalidade, ou seja o seu ponto de vista. Justificava o ensejo dizendo que se sentia esgotado e sem forças, sem apoio, sem estímulo, sem consciencia mesmo da utilidade de seu esforço, e não sabia si podia levar ao fim tão difficil jornada. Dolorosa confissão essa, de um grande e feroz espirito, que se sente aniquilado, vergado ao peso da sua fraqueza fisica, vendo em torno de si o desalento, e prevendo inutil o seu másculo e gigantesco trabalho de pesquisa e sistematização. Não, não ficou esquecido o "seu angustiado, mas permanente esforço para a edificação de uma sintese espiritualista da vida", para me utilizar de uma frase de Jackson de Figueiredo, que, como Nestor Victor, atribuem ao simbolismo o ambiente favoravel para o desenvolvimento de sua doutrina.

Foi o mesmo Jackson de Figueiredo, espirito grave do filosofo, que amava as abstrações scientificas, que deixou com a sua morte tragica, arrebatado pelas ondas crespas do Atlantico, um vacuo difficil de preencher, foi Jackson quem disse que o que êle Farias Brito representava de beneficiamento reacionario "frutificou felizmente". E acrescenta: "Espiritos das mais diversas procedencias intellectuais surgiram de alguns anos para cá fazendo de seu nome bandeira das reivindicações espiritualistas no cenario das nossas lutas intellectuais, distinguindo-se entre os mais conscienciosos o sr. Almeida Magalhães, para citar somente um nome da mocidade". (III)

Estribado na Ethica de Spinoza, pode concluir o nosso glorioso Farias Brito: "O bem supremo da alma é o conhecimento; a suprema virtude da alma é conhecer. O conhecimento é a finalidade do mundo". E exclama: "E' deste modo que do seio das cogitações informes de Spinoza, irrompeu como um raio de luz nas profundezas do cáos o presentimento da verdade eterna". E assim diz o nosso grande filosofo: "Deus é a luz. Quer dizer: dentro da luz nos movemos, agitamos e estamos. A luz é Deus na sua essencia; a natureza é Deus representado; a consciencia é Deus percebido".

Senhores. E' empreza difficilima, é um árduo labor, traçar conscienciosamente em poucas palavras o credo filosofico de um pensador, principalmente si este pensador é da estatura de um Farias Brito, que eu li quando alizava ainda os bancos academicos, abeberando-me dos seus ensinamentos. De lá para cá, no desdobramento do tempo, o filosofo cresceu e expandiu-se, alteiou-se e

(III) — "Pascal e a inquietação moderna", pag. 28.

torrente fecunda. Jackson, com efeito, ao estudar-lhe a obra ingente "onde uma profunda sabedoria das cousas se revela", imprimiu-lhe uma revigorante energia, uma impulsão radiosa de vitalidade". Jackson, diz o sr. Tasso da Silveira, fez da obra de Farias Brito um terreno maravilhoso de espiritualidade". (V)

Lamenta o terso escritor de "Pascal e a inquietação moderna", onde a limpidez de sua alma se cristaliza na humildade, no bem, na pureza e na dor, que Farias Brito não houvesse concluído a construção "de uma synthese espiritualista da vida", com o caráter de doutrina. Todavia abriu no horizonte espiritual da nossa pátria um novo ciclo de cogitações profundas.

Quanto á sua estetica, resultante da obra de folego que empreendeu, dela extraiu Tristão de Athayde, fulgurante crítico que oureja a nossa literatura, uma teoria que constitue um dos capítulos mais brilhantes dos seus "Estudos" (1.ª série), e que intitulou "A Esthetica de Farias Brito". Tristão de Athayde faz uma análise perfunctoria, mas segura, da filosofia do nosso consagrado pensador, dos seus vãos arrojados, das suas tendencias e do espirito profundamente religioso que é o seu traço fundamental, mostrando que o autor do "Mundo Interior" reúne os três elementos que "formam a essencia do homem religioso", e que são, no seu autorizado entender: "o sentimento da insuficiencia, o desejo da totalidade e a crença na unidade". Desenvolvendo estes pontos capitais, oferece em seguida o criterio seguido pelo eminente filosofo, que nos seus verdes anos foi poeta ou escreveu versos, de orientação inteiramente filosofica, já se revelando, escreve Tristão de Athayde, "um precursor de certas idéas, que hoje se apresentam como originaes, entre nós".

Farias Brito condenava a escola que tentava fazer da poesia e da arte "uma simples observação da realidade". "A poesia para Farias Brito, continúa aquéle elegante escritor, era ao contrario, um meio de evasão da realidade. Passada a fase pratica da ação humana sobre a natureza, excedida a fase sistematica, de compreensão e organização, chega-se á fase ideal, áquella em que o optimismo vence o pessimismo fundamental da existencia, o mal inicial de viver". E transereve Farias Brito: "O homem tem necessidade de completar o quadro doloroso e terrivel da realidade pela concepção harmoniosa de um mundo ideal. A realidade é a terra: é preciso

(V) — "Revista de Critica", n. 4 — Novembro de 1923, pag. 104.

entrever a realidade de um mundo melhor. Tal é precisamente a missão da poesia". Penso dar uma idéa, ainda que rapida, do seu modo de encarar a arte, não sendo necessario acompanhar, na sua exposição longa, o autor dos "Estudos", em torno da estetica do nosso pensador.

* * *

A cátedra, meus senhores, que venho ocupar na Academia Amazonense de Letras, tem o prestigio, a brancura, a pulcritude do inclito patrono que a ilumina e a circunda, como um anjo bom, como uma aurora resplandecente, em que o vejo transfigurado.

A sua actuação, como já vos disse, no campo das idéas não ficou sem eco, como a voz do poeta, que clamava sob um céu escampo, vendo além o seu vulto bailar como uma sombra sinistra e errante; não, o filosofo, que se criou no isolamento, na faixa litoranea do norte, que se fez no convívio dos livros e na contemplação da tragedia do mundo, que compreendeu as dores que nos torturam com uma grande comoção, que sofria com a inquietação universal, abalando-lhe os instintos morais, e que com uma tenacidade estupefactiva fixava normas de conduta e apontava o caminho da virtude, do consolo e da esperanza, em busca da paz das consciencias, talvez tivesse descido ao tumulto desiludido, mas a sua doutrina floresce em muitos espiritos jovens, que a impregnaram de seu perfume, e o divulgam no ambito da nossa nacionalidade.

É o testemunho disso, desse respeito carinhoso, dessa veneração, desse entusiasmo, surpreende-se ainda neste cenaculo, onde se lhe presta um culto de admiração.

Meus senhores. Nós que vivemos vinculados a esta formosa terra, cheia de verdor, de resonancias de correntes, de plumagens de passaros e do olór dos balsamos e das resinas, temos um compromisso de honra — o de não deixar que a Academia esmoreça e decaia e se estiole pela indiferença e pelo abandono. Ainda bem que vós, meus distintos confrades, acabais de dar a prova, depois de alguns anos de hibernação e de silencio, de que o silogeu amazonense vive, vibra e palpita, reunindo-vos para completar o vosso quadro, preencher os claros que se abriram, descerrando as vossas portas a novos candidatos, entre os quais a fortuna quiz que eu fosse escolhido, que eu fosse distinguido com tão alta dignidade, acolhendo-me num doce halo de simpatia envolvente.

A arte, escreve Leon Arnaud, é uma illusão que eterniza a vida pela imobilidade. Prossigamos alentados por este objectivo, para que não pareça lá fóra que vivemos aqui apaticos no meio da natureza deslumbradora do equador.

Scenas do Rio Negro

(Rebellião e incendio de Lama-Longa)

AGNELLO BITTENCOURT

O FACTO HISTORICO

Corria cheio de inquietação, na região dos manãos, o anno de 1757. Mariuá (posteriormente Barcellos), visitada em 1754, por Mendonça Furtado, foi escolhida para a futura séde da Capitania do Rio Negro e da Commissão Mixta de demarcações hispano-portugueza.

O insigne irmão do Marquez de Pombal, logo que, ahí, aportou, mandára construir quartéis, palácios, depositos, hospedarias, etc., um borborinho de trabalhos, em que os indigenas tomavam parte. Nunca se viu circular tanto dinheiro. Estava-se a crear um centro populoso, uma verdadeira metropole da intelligencia e do luxo, que Camandri, fundador daquela aldeia indigena, jamais sonhára. Mariuá opulentára-se em pouco tempo. Varias povoações passaram, no Rio Negro, á cathegoria de Logar.

Por effeito da lei pombalina, a administração dos indios secularizou-se, isto é, passou ao regimen de um código organizado por Mendonça Furtado, a que chamou Directorio. Era um alijamento do Clero, o inicio de uma lucta entre a politica e a religião.

A liberdade concedida aos selvícolas, na legislação portugueza, fôra mal comprehendida por elles. Natural, numa mentalidade bruxoleante, propensa mais a abusar do que a se restringir.

O contacto de gente illustre, da Commissão demarcadora, imbuída, certamente, dos preconceitos contra os jesuitas, haveria de irritar ainda mais a sensibilidade dos missionarios, donos, que tinham sido, das almas e das pessoas de um immenso rebanho.

Mas, "em quem foi rei, sempre fica a magestade"... Os representantes da Igreja não ficariam totalmente desamparados, da estima e do apreço das suas ovelhas.

Foi nesse ambiente de prevenções, entre o governo temporal, que chamou a si os aldeamentos, e o governo espirital, que desejava continuar no exercicio de um duplo mandato, que surgiu, de um lado, a figura de Fr. Raymundo Barbosa, religioso carmelita, tendo, como partidarios, muitos fieis, entre os quaes Caboquena, principal manãos; de outro lado, os indios Domíngos, João Damasceno, Ambrosio, Manoel, etc., todos de Lama-Longa e Bararoá.

Os animos exultavam-se dia a dia. Um motivo qualquer seria o rastilho para a explosão. O destino apparece, urdindo o fio do infortunio, na irreflectida attitude do Delegado de Christo haver feito separar, de Domingos, sua concubina Simá, uma formosa tapuya, que os ladinos olhavam com admiração e interesse.

Para os adversarios do sacerdote, isso valeu por uma provocação, pois, a 1.º de Junho de 1757, sua casa fôra invadida e destrogada. Igualmente, a Igreja local. A 24 de Setembro do mesmo anno, covardemente assassinados Fr. Raymundo Barbosa de S. Eliseu, José Menezes (o Caboquena), bem assim numerosas pessoas.

São, acto continuo, incendiadas Lama-Longa, Bararoá e Caboquena em cuja Igreja se refugia Simá, morrendo na voragem das chammas.

Mendonça Furtado manda apurar a responsabilidade dessa rebellião, trazendo de Belem o Desembargador Pascoal Abranches Madeira, para presidir a Junta dos inqueritos.

E, após processo regular, são condemnados á morte, por enforcamento, os chefes manãos Domingos, Damasceno e Ambrosio, no proprio logar onde chacinaram os inimigos.

REVIVENDO O DRAMA

Fr. Barbosa, portuguez da velha tempera, era homem que não sabia transigir. Conhecia os propositos do Marquez de Pombal.

Chegado de Mariuá e informado do que se passava na côrte de D. José I, começou a agir, ou melhor, a reagir. Ordena que, surrateiramente, conduzissem para fóra da aldeia a companheira de Domingos, que não se contem ferido no que lhe havia de mais caro. Vae á presença do Frade e falla-lhe, quebrando a humildade com que, sempre, se dirigiu ao Sacerdote.

—Frei Barbosa, mande restituir-me a minha Simá, a quem consagro todo o meu amor e com quem vivo ha mizes, sem que V. Redma. se lembrasse de separar-nos. Nada fiz que merecesse tal castigo.

—Não! Retruca o missionario; tu não és casado. A Igreja condemna toda a união illicita. Não consinto que Simá, ainda joven e bella, continue na tua companhia, quando bem pôde estar livre e casar-se com um cariua digno. Demais, tua obediencia a um tal Directorio de que se falla, é um acto de rebeldia...

Domingos sente que um arrepio lhe percorre todo o corpo, como um fremito de indignação. Quer balbuciar duas palavras de protesto. A commoção, porém, embarga-lhe a voz. Após um momento de silencio, expande-se, entre titubeante e revoltado.

—Reverendo : Não sou um manáos indigno. Fiz-me estimado pela poderosa tribu a que pertença. Os banibas, os barés, os passés respeitam-me. Tenho percorrido o Rio Negro, desde o Logar da Barra até Camanáos. Já atravessei estas mattas, até o Solimões, onde fui recebido pelos campebas, a nação mais aguerrida e valente daquelle rio. O tucháua, na taba do pagé, offereceu-me cauhim e lindo cocár, que se acha em poder de Simá. Como vê, Reverendo, sou um homem que conhece o mundo, sendo respeitado e querido pelos seus principaes chefes. Não me recuso ao trabalho. Convidado para os ajurys, o meu machado é o que abate as samaumeiras e os piquizeiros.

Numa batida aos jauaperys, que porfiavam em mandar mais do que nós, na região de Itarendáua (vila de Moura), fui eu quem enfrentou e abateu o seu chefe. Desse encontro sangrento, em que os manáos foram vencedores, recebi uma flexada que me atravessou a perna. Aqui estão as cicatrizes.

Consequentemente, Reverendo, sou digno e muito digno da companhia de Simá. Peço-lhe que m'a restitua quanto antes!

Fr. Barbosa mantém sua negativa e pergunta :

—Domingos : Antes de passares a conviver com a filha do velho Severo, do sitio Remanso, já a conhecias de longa data? E, não sabias que preteriste a José, o regatão portuguez, que a queria desposar?

—Sim, Reverendo. Conheci-a desde cunhantã, quando poderia ter doze annos. Foi sua belleza, maior do que das yáras, que me fez residir perto daquelle sitio. A minha affeição por Simá crescia sempre. Por seu amor, era capaz de enfrentar todos os juruparys do Rio Negro. Assisti ao ceremonial da sua puberdade. Fui eu quem rompeu a caissára em que a encerraram, offerecendo-lhe a minha mão de companheiro.

No dia seguinte, depois que os jacamins estrugiram na floresta, fui á casa de Severo e pedi-lhe a filha em casamento.

Não respondeu, mas mandou-me sentar e esperar. Immediatamente, chama um curumy e ordena-lhe que fosse ao tronco do urucury mais proximo e, ali, apanhasse uma duzia de tocandeiras, das maiores. Cinco minutos depois, estava o menino de regresso, com um sacco estreito e alongado, contendo as terriveis formigas. Domingos — diz-me o pae de Simá — preciso ter certeza da tua coragem e resignação. Mette o braço direito neste sacco, por alguns instantes. Assim o fiz. As tocandiras picaram-me á vontade. Resististi, como somente um chefe manáos sabe resistir. O regatão faria o mesmo? Severo não hesitou em garantir-me a mão de sua filha.

Mas, fallecendo mezes depois e não havendo Sacerdote para casar-me com Simá, tendo esta ficado ao desamparo, fui buscal-a para minha barraca. E estávamos casados, sem cerimonia religiosa.

Netei que muita gente vive assim, sem que o Sr. Reverendo se incommode. Peço-lhe, pela ultima vez, que me restitua a eleita do meu coração.

—F. pela ultima vez, indio impertinente, digo-te que não.

Um clarão sinistro brilha nos olhos de Domingos, que, nas pontas dos pés e batendo em cheio no peito, exclama:—Frade malvado, eu não responderei pelas consequencias do que me acabas de fazer! Pagarás com a vida o me haveres roubado a felicidade...

Frei Barbosa levanta-se tremulo, amedrontado, vociferando:—Eu te excommungo, filho de Satan! Jamais as portas do Céu abrir-se-ão para te receber. Acabas de mostrar que tu és digno somente da miseravel tribu a que pertences. Some-te da minha presença e do logar sagrado em que estás! Estas derradeiras phrases foram ouvidas por alguns manãos, que, logo, resolveram tomar o partido de Domingos.

Simá, tímida como uma corça selvagem, não se achava fóra da aldeia, conforme todos acreditavam, mas bem escondida na propria residencia daquelle ecclesiastico, residencia indevassavel ás vistas profanas.

Sob a dolorosa impressão daquella promessa de morte, formulada por um modo, tão cathegorico, o Frade chama a india á sua presença e conta-lhe o que se havia passado e indagando-lhe:—Que é maior, a tua dedicação a Domingos, esse bandido que me prometeu matar, ou a Jesus de quem depende irmos para o Céu ou para o Inferno?

—Tenho, diz a encantadora tapuya, muita estima ao homem que soffreu por mim a aggressão das tocandeiras. Mas, diante da ameaça desse pavoroso logar destinado aos desobedientes, prefiro que a cobra grande do Remanso me devore a voltar á companhia de Domingos. Antes quero transformar-me em horrenda curupira, do que ser desobediente ao meu Reverendo. E' mais facil que o fio da corrente do Paduary volte ás suas cabeceiras, do que approximar-me daquelle valente manãos.

Fr. Barbosa tranquillizou-se um pouco ao ouvir aquellas declarações, que deixam patentear uma alma fanatizada por uma obsessão religiosa: o pavor do Inferno. Mas, sabia tambem que o odio do selvagem não se desfaz em perdão. O que Domingos promettêra, havia de cumprir.

Por precaução, muda-se, em noite escura, sem perda de tempo, silenciosamente, de Lama-Longa para Caboquêna, levando consigo a interessante Simá. No dia seguinte, Domingos, em três igarités bem tripuladas e chocalhando os borés, aporta áquella povoação indefesa. Vão os amotinados á residencia do Frade, acreditando-o ahí. Depois, á Igreja, que depredam. Era

O COMEÇO E O FIM DA TRAGEDIA

Lama-Longa ficára estarecida. Domingos e seus sequazes retiram-se, para engrossarem suas hostes e prepararem uma correria sinistra. Forma-se o conclave dos chefes manãos. Discute-se a maneira do ataque e o morticínio a fazer.

Falla o indio Domingos : — Companheiros, vamos acabar com a raça dos portuguezes e seus descendentes, que estão a dominar o Rio Negro. A terra era nossa e, agora, em nada mandamos. Eramos livres e passamos a escravos. Esses ladinos, espertos e ambiciosos, fizeram-nos seus remadores, pescadores, caçadores e extractores de “drogas”. Pelo trabalho diario de um homem, pagam apenas 40 reis; pelo das mulheres, 20 reis. De quando em vez, somos ameaçados de um “descimento”. Isso não póde mais continuar! Abaixo os “bicudos”!

João Damasceno, menos nacionalista, pondéra : — Não! não devemos chegar a esse extremo, porque possuímos muitos amigos, no meio desses cariuas. Demais, nem todos os manãos, banibas e passés estão do nosso lado. Caboquêna, por exemplo, um tuchaua respeitado, em cuja taba consta estar refugiado Fr. Barbosa, não póde ser solidario com esse exterminio...

Além disso, não teremos mais, no Rio Negro, os regatões, que nos vendem cauhim, sal, fazendas, terçados, armas de caça, anzões, harpões e outros objectos que, hoje, não mais dispensamos. O indio Ambrosio concorda. Mais de duzentos aborígenes cercam aquella assembléa de desatinados. Vozeria de approvação e de desapprovação.

Afinal, após votação, predomina a proposta de Domingos, com a restricção de serem poupados os cariuas e índios que adherissem. Puzeram mãos á obra sinistra, pois, a 24 de Setembro do referido anno (1757), os amotinados matavam muita gente e reduziam a cinzas Lama-Longa, Bararóá (que era a côrte dos manãos) e Caboquena. Foi nesta ultima povoação (posteriormente Moreira) que se achavam o Sacerdote e Simá, que se refugia na Igreja, desapare-

cendo na voragem das chammas. E' morto tambem o intrepido Caboquêna e, com elle, dezenas de pessoas. Tragedia maior, quadro mais dantesco, jamais se viu em terras do Amazonas!

E continuaria a devastação do fogo, nos demais nucleos populosos do Rio Negro, inclusivé Mariuá, si Mendonça Furtado não houvesse tomado energicas providencias.

TRISTE EPILOGO

O Governador Geral do Grão Pará, a cuja jurisdicção pertencia o Rio Negro, traz de Belem o desembargador Pascoal Madeira, para presidir a Junta, que tinha de julgar os rebeldes.

A' presença do magistrado são intimados a comparecer os conhecidos chefes dos manãos e varias outras pessoas implicadas no hediondo crime.

O primeiro inquerido é Domingos, que assim se manifesta:—Senhor Juiz, reconheço que sou um criminoso. Fr. Barbosa foi o causador de tudo que se passou. Destruiu a minha felicidade, arrebatando-me Simá, a joven a quem consagrei a minha vida e o meu amor. Suppliquei-lhe que m'a restituísse. Dar-lhe-ia, em troca, se preciso, annos de trabalho. O Frade tornou-se irreductivel e, ainda, me excommungou.

— Acredito no que me affirmas, atalha o Juiz. Mas, quer-me parecer que Simá não te consagrava igual devotamento, tanto assim que, mandada retirar da tua casa, passou para a do Carmelita e consta-me ter promettido jamais se approximar de ti, sendo "mais facil que o fio da corrente do Paduary retornasse ás suas cabeceiras"...

Nestas condições, praticaste um grave delicto em nome de um amor, que não encontrava, da parte della, uma justa compensação.

— Não, Senhor Juiz. Simá queria-me de todo o seu coração. Era uma creatura timida, que se deixou fanatizar por Fr. Barbosa. Com certeza, fallou-lhe da abrazada porta do Inferno, onde penetram para sempre os desobedientes.

Sem o doce convívio de Simá, tornei-me um infeliz, sobre quem ainda pesa o castigo da excommunhão.

Não estou arrependido do que fiz! Qualquer sentença que se lance sobre mim, nada será comparada com a separação daquella que era a razão de ser da minha vida...

Mais de vinte implicados na rebellião foram inqueridos, inferindo-se que acompanharam Domingos, por espirito de nacionalismo.

Por isso mesmo, a Junta não podia deixar de ser severa, condemnando ao enforcamento os tres cabeças mais exaltados, em cujo numero estava aquelle famigerado chefe manãos. Em Caboquêna, no anno seguinte, ergueram-se tres forcas. Na do meio, a mais alta, foi sacrificado o apaixonado companheiro de Simá.

Quando, em 1786, por lá passou o dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, viu em Moreira, erecto, um dos esteios que serviram de apparelho expiatorio aos chefes condemnados.

Agnello Bittencourt

NOTA — A propósito da rebelião de Lama-Longa, consultem-se os seguintes autores: Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, "Diario da Viagem... pela Capitania de S. José do Rio Negro, em 1774 e 1775", ed. de 1825; Lourenço da Silva Araujo e Amazonas, "Simá", romance historico do Alto-Amazonas, ed. 1845; dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, "Diario da Viagem Philosophica pela Capitania de S. José do Rio Negro", 1785.



Profissão de fé

JOSÉ CHEVALIER

Aqueles que se afeiçoam á litteratura castelhana não de ter lido, certamente, a apostrophe rimada de Rubén Dario ao referir-se em tom desabrido á mentalidade ociosa desses silogeus academicos, importados da Europa para o nosso Continente, cuja ação, quasi sempre innocua, se circunscribe ao vêso tradicional de perpetrar "boutades" e ironias joviais pela senda torturosa da nenia dissaborida ao academico desaparecido, ao mesmo tempo que flameja o cantico louvaminheiro ao novo corifeu que se "imortaliza".

O genial autor da "Marcha Triunfal" refreneava em magnifico poema :

"De las Académias líbranos, señor".

Longe de nós a irreverencia do vate; mesmo porque fica muito bem ao espirito brasileiro amar tudo da famosa Lutecia, de onde herdamos não só o templo de arte, que nos recorda a côrte faustosa de Maria Antonieta, assim tambem esse pendor pelos cenaculos de letras, espalhados por aí além. Da outróra Cidade-Luz transplantara-se até, como feição carateristica para decidir da nossa inclinação pelas cousas importadas da Gallia, aquele acervo de anedotas de espirito, referente a academicos, tal a de Alexis Piron, tantas vezes citada, a qual consistia no desejo de possuir o poeta, depois da morte, este epitafio :

"Ci git, Alexis Piron
qui dans sa vie ne fut rien
pas même academicien".

Entre nós, na Academia Brasileira, um dos mais refratarios ao fardão — sr. João Ribeiro, apesar de nunca ter, em vida, envergado a casaca doirada, certa vez, achara elegante a vestimenta, afirmando, segundo refere seu talentoso filho — o escritor Joaquim Ribeiro, — já não compreender um academico sem o ridiculo daquela indumentaria.

O Novo Mundo, porém, possui o condão propiciatorio de transformar as cousas antiquadas em forças vivas, reveladoras de dinamismo, com o sentido moderno que lhe atribuem os pensadores germanicos.

Nada de apatia; nada de estagnação no seculo vibracionista da tecnica.

A Academia Amazonense já tem proclamado pela boca dos seus mais conspiciosos luminares que não deseja ser um viveiro de "imortais" inativos, nem pretende ser um centro fadado sómente a consagrações academicas.

E' escopo primacial do cenaculo amazonico fazer valer lá fóra as nossas tendencias artisticas, os nossos padrões culturais.

Prontos para a pugna, procuramos, no estudo eficiente, reviver o passado glorioso das nossas letras, em comunhão espiritual com as demais instituições do país, fazendo que as palavras de Alves de Souza no "Clarão Remoto" tenham o verdadeiro cunho oracular.

Orientados pelo pensamento moderno, pretendemos apagar a desoladora impressão que causa lá fóra, á gente culta, um Amazonas visto através das lentes esfumadas de escritores inescrupulosos.

Como acentúa bem o consagrado beletista, muitos dos companheiros, seguindo a esteira luminosa de Benjamin Lima, emigraram para a Metropole, projetando ali novos clarões de alevantada cultura, em aprimorado coeficiente de valores mentais.

Os que ficaram continuam na mesma faina: reagir contra o indiferentismo mesologico; contra a inveja surda, manifestada pelo silencio dos que guardam ainda no cerebro apoucado a idéa estulta de transformar a diluvilandia num "far west" turbilhonante, de crimes hediondos, animais repelentes e miasmas deleterios...

Os restantes falangiaris permanecem na estacada; soberanamente abeberados ás castalias de cultura séria, em ambiente superior, numa atitude serena a contrastar admiravelmente com a dos cunecos maldizentes da literatura funambulesca.

Esta a nossa profissão de fé.



NÃO ha systematização orthographica nos trabalhos inseridos neste numero da REVISTA, tendo sido observada a graphia dos respectivos autores. Na materia redaccional, procurou-se, contudo, manter a possivel uniformidade.

IDÉAS & FACTOS

GRANDES VIDAS, GRANDES OBRAS

O anno que vem de findar foi dos mais rudes para as letras brasileiras, verificando-se, successivamente, no espaço de alguns mezes, o desaparecimento de varias de suas figuras culminantes: Miguel Couto, João Ribeiro, Medeiros e Albuquerque, entre outros. Extinguiram-se, por derradairo, quasi ao termo desse fatidico 1934, as grandes vidas de Coelho Netto e Humberto de Campos.

Não é preciso accentuar, num brève registo, a significação terrivelmente dolorosa de perdas como estas, em tanta maneira irreparaveis.

* * *

Coelho Netto detinha, como sabemos, o sceptro real de maior prosador contemporaneo em lingua portugueza. Mestre inimitavel, joalheiro eximio da palavra falada e escripta, elle se fizera, antes de tudo, a memoria viva, o "ollam" de sua geração, á maneira daquelles rhapsodos pelasgicos, ou daquelles "file" irlandezes, a que amava alludir. Romancista, foi um creador de typos que se eternizaram na vida e que, por isso mesmo, viverão para o sempre com o idioma maravilhoso de que assimilou todos os segredos, todas as harmonias, opulentando-o com os thesouros inexhauriveis de sua imaginação prodigiosa. Ninguem, de resto, o excedeu em qualquer das epeas de nossa evolução literaria, já no vigor e na belleza do estylo, já na fecundidade de uma produção copiosa, cyclópea, verdadeiramente balzaqueana, em todos os generos. Foi um "forçado da penna", para falar como Remy de Gourmont em relação a Balzac. Mas a obra que deixou á sua patria passará ao culto votivo e enternecido das gerações que nos substituirem como um monumento á perennidade de nossa lingua e á gloria de nossa raça, e a sua existencia como um exemplo de virtudes paradigmarias, sublimaldas no trabalho generoso e na aspiração de um alto ideal humano. A Academia Amazonense de Letras, que de muito se ligára á estima do eminente escriptor com o livro notabilissimo, e unico em nossa bibliographia, em que Pericles Moraes lhe estudara magistralmente a vida e a obra, prestou ainda ao artista extraordinario do "Rei Negro" e do "Inverno em flôr" a mais commovedora das homenagens no memorial de saudade tambem publicado, dias depois de sua morte, pelo critico illustre de "Figuras & Sensações". "Em

verdade, Coelho Netto — dizia Pericles, nessa pagina de tocante evocação — era o Atlante que dominava, de extremo a extremo, todas as etapas gloriosas de nossa historia literaria. A capacidade de sua obra lembra um Universo, que seus hombros sustentavam, sob a influencia e a propulsão de um systema de forças cosmicas, imponderaveis e inecerciveis. Obra reveladora, com os finos requintes e a sumptuosidade de Saint-Victor, da lavorada contextura dos mestres classicos da lingua portugueza, immensa como a de Balzac, de finalidades psicologicas como a de Stendhal, pura e perfeita como a de Flaubert, sobrelevando-se a todas pela vertigem da imaginação, que lhe foi o milagre supremo do espirito creador". (cf. "O Jornal", de Manhães, 25/12/934).

* * *

Humberto de Campos desapparece no apogeu de sua carreira literaria. Era, sem duvida alguma, na actualidade das letras brasileiras, a personalidade de maior e mais irresistivel prestigio. Enfermo havia longos mezes, sua producção intellectual multiplicara-se em volumes e volumes, como si a proximidade melancolica do fim lhe horvesse requintado e hyperesthesiado as faculdades incomparaveis de creação. Tornou-se, dessarte, um annotador admiravel da vida na angustia dos seus pequeninos dramas quotidianos e na crispção convulsiva das suas enormes tragedias interiores. "Conteur" e chronista sem rival, além de poeta magnifico, um só de seus livros, desta ultima phase, bastaria para immortalizar-lhe o nome, a sensibilidade e o estylo. Mas foi, de certo, nesse encantador volume de "Memorias", lido e amado em todo o Brasil, que se lhe apuraram, em definitiva, as notas do instrumento peregrino de expressão. Repositorio de lembranças e episodios, que a emoção transfigurá em belleza, não raro afflorada de desencanto e renuncia, mas quasi sempre cheia de piedade e ternura, não são mais delicadas nem mais harmoniosas, do que as desse livro, as paginas de Anatole no "La vie en fleur". E com a differença ainda de que Humberto não conheceu o sarcasmo anatoleano — "le désespoir caché sous l'ironie la plus mordante" — e, entre a ironia e a piedade, preferiu a esta ultima como testemunha e companheira do seu nobre e silencioso infortunio. E elle morreu antes da tarde, exactamente quando, sobre os homens de seu tempo, derramava, em torrentes de puro e luz, as claridades meridianas do seu espirito, que o sacrificio transformára em essencia de bondade e substancia de perfeição... Mas, si não pôde realizar todo o cyclo do seu grande destino de homem e de artista, cujos pungentes avatares se deixam visionar numa theoria amargurada e infinita de "Sombras que soffrem", ficará,

mesmo assim, e sobretudo pela rapidez, elegância e ductilidade da linguagem em que soube fixar os panoramas do seu universo subjectivo e as dores profundas do seu pensamento excruciado, como um dos poucos prosadores que, á feição inegalavel de Eça de Queiroz, têm sabido até hoje surprender e aproveitar, na fórma mais simples, transparente e translúcida, todos os recursos plasticos e estheticos de nossa lingua.

BIBLIOGRAPHIA ACADEMICA

E' de assignalar-se auspiciosamente, estes ultimos tempos, o trabalho intellectual da Academia, através da producção numerosa e variada de muitos dos nossos confrades, na imprensa e no livro.

O sr. Raul de Azevedo, que se encontra no Rio desde 1930, proségue na costumada e infatigavel actividade litteraria, mantendo os titulos brilhantes de sua obra fecunda de commentador e romanista. E' cada vez maior e mais justa a projecção de sua personalidade no aprêço dos circulos mentaes do paiz. Além da segunda edição dos "Amores de Gente Nova", um dos seus mais apreciados livros de ficção, publicou um romance novo, recebido tambem sob os melhores applausos da critica: "Roseiral", e dois volumes de escriptos esparsos de imprensa: "Hora de sol e Bazar de livros". No primeiro, insére longo e excellente ensaio sobre o Amazonas intellectual. Annuncia a segunda edição de "Vida elegante", contos, e "Aqueella mulher..." romance. E' um escriptor em pleno exito.

Os livros do sr. Aurelio Pinheiro, que occupou a cadeira de Raul Pompeia, passando, depois, ao quadro de socios correspondentes da Academia, vêm merecendo, por igual, encomiasticos conceitos da critica, especialmente o seu ultimo romance "Macáu".

João Leda, o consagrado vernaculista do "Vocabulario de Ruy Barbosa", dos "Aureos Filões de Camillo" e "Nossa lingua e seus soberanos", prepara um volume novo de estudos de sua ardua especialização, de molde a reafirmar a autoridade que já conquistou nos dominios da filologia e do pamphleto no Brasil.

Espera-se, para estes dois proximos mezes, mais um livro de Pericles Moraes, — "Lendas e Aguas-Fortes", conjuncto de ensaios estheticos, que virão enriquecer a obra, a todos os aspectos primorosa e fulgurante, do grande prosador e critico brasileiro. Delle tivemos, em 1933, "A Vida Luminosa de Araujo Filho", biographia de alta temperatura espirital, em que marcou os lances atormentados, mas empolgantes, da vida e da individualidade do saudoso e insigne humanista, orador e tribuno do Norte.

Benjamin Lima, fasciante ensaista, critico e theatrologo que, já hoje, todo o Brasil admira, deu a lume um livro delicioso de critica moderna "Esse Jorge de Lima!", objecto de uma larga e formosa apreciação de Pericles Moraes, neste numero da REVISTA.

Com a publicação de "Amazonia, — a terra e o homem", passou o sr. Araujo Lima a figurar entre os escriptores maximos do valle equatorial, vindo na esteira de Euclides, Rangel, Ladislau e Gastão Cruls. Mas o seu livro offerêca um accentuado curho pessoal, destacando-se pela objectividade das inferencias e conclusões. O sr. Araujo Lima viu a Amazonia, não "através de um temperamento", mas sob um prisma novo, na realidade palpitante dos seus problemas anthropogeographicos, dentro de um seguro critério de observação scientifica. E' o que assevéra, com razão, o sr. Tristão de Athayde, em erudito prefacio ao livro, affirmando que "Amazonia, — a terra e o homem" abre novos horizontes "não apenas á sociologia propriamente amazonica, mas tambem aos estudos da geographia humana no Brasil". Tambem do sr. Araujo Lima veio á estampa, em 1933, substancioso volume sobre a vulgarização do ensino primario, — "Só a educação transforma os povos", — em que mais uma vez se demonstra a sua comprovada capacidade pedagogica e cultural.

Do sr. Paulo Fleutherio, indefesso moirejador da imprensa, tivemos este anno differentes opusculos, com as suas ultimas conferencias sobre matéria de ensino e sobre a doutrina integralista, cuja propagação dirige na Amazonia. Uma dessas conferencias foi a que se intitula "A caminho de novos rumos", encerrando reflexões as mais opportunas acerca do momento politico-social do Brasil. Todas ellas, de resto, põem de manifesto a conhecida e admirada combatividade intellectual do operoso confrade.

" A INTELLECTUALIDADE NO EXTREMO-NORTE "

Anisio Jobim, Liv. Classica. Manáos.

Merêca referencia especial o livro recentissimo do sr. Anisio Jobim, — "A Intellectualidade no Extremo-Norte (Contribuição para a historia da literatura no Amazonas)". Acaba apenas de sahir, em edição suggestiva, dos prêtos da Livraria Classica, desta capital. E é um trabalho cuja importancia se avalia, desde logo, tendo-se em vista que é o primeiro do genero, entre nós.

O sr. Anisio Jobim, a quem já devemos uma série de monographias interessantissimas sobre a formação do homem e da terra amazonenses, — "Panoramas amazonicos", — traz, desse modo, um assinalado serviço ás nossas letras. Seu livro representa, na verdade, contingente precioso para a reconstituição das differentes etapas de nossa vida intellectual, desde os idos da colonia. E' um retrospecto de factos e uma galeria de figuras, que se destina ao mais completo exito, já pelo methodo informativo, consciencioso e prudente, já pela incisiva critica que faz o autor ás individualidades representativas do pensamento e do espirito amazonicos, até á data presente. Scientistas e escriptores, jornalistas, chronicistas, historiadores, oradores e poetas, todos quantos exerceram, ou exercem, a actividade mental no Amazonas, alli apparecem nos seus devidos logares, á luz de um julgamento imparcial e de uma ana-

lyse sem reticencias, mas com os subsidios de uma documentação erudita e brilhante.

Coincidindo com a circulação desta REVISTA, o apparecimento do livro do sr. Anisio Jobim, a merecer grande repercussão dentro e fóra do Estado, é um acontecimento dos mais significativos do anno literario, que se inicia.

UMA POETISA AMAZONENSE NA ACADEMIA BRASILEIRA

A poetisa amazonense Violeta Branca Menescal de Vasconcellos, que é, indiscutivelmente, um dos mais finos valores da sensibilidade brasileira no extremo-norte, encontra-se ha alguns mezes no Rio.

Alli, no grande centro da vida intellectual do paiz, vem a nossa jovem e festejada patricia sendo alvo de altas homenagens devidas com justiça ao seu talento, á sua sensibilidade e á belleza lyrica dos seus versos, cheios de modernidade e poesia.

Por ultimo, a 10 de janeiro recém-findo, mereceu a honra excepcional de ser recebida em sessão da Academia Brasileira de Letras, onde a saudaram as palavras illustres do conde de Affonso Celso e de Rodrigo Octavio, falando em agradecimento, no recinto academico, a scintillante sonhadora dos "Rythmos da Inquieta Alegria". Em sessão anterior do notavel sodalicio, já Rodrigo Octavio havia annuciado aos seus pares a presença na Metropole da aclamada poetisa amazonense, de quem se occupou em longo e encantador discurso. Desses factos, tão agradavelmente significativos para a intelligencia da Amazonia, deu noticia o "Jornal do Commercio", do Rio, em notas, que a seguir trasladamos, de suas edições de 4 de dezembro preterito e 11 de janeiro proximo passado :

"O sr. Rodrigo Octavio apresentou na sessão de hontem da Academia Brasileira a poetisa amazonense Violeta Branca, que se acha entre nós.

Damos a seguir as palavras do sr. Rodrigo Octavio :

"—Cabe-me, sr. presidente, a satisfação de trazer á Academia e ao mundo literario brasileiro a revelação de um poeta, e, mais que um poeta, de uma poetisa.

Em principios deste anno, recebi da Colombia um livro em que se narrava uma rapida viagem aerea sobre a Região do Amazonas. A leitura do livro me deixou a mais viva impressão, e eu sobre elle escrevi um artigo a que o nosso benemerito "Jornal do Commercio" deu a honra de acolher em seu numero de 20 de maio ultimo. Nesse artigo informei aos leitores que o autor do livro encontrára em Manaus uma poetisa que dava pelo suggestivo nome de Violeta Branca. O capitulo que Nieto Cabalero escrevera sobre esse encontro, revestia-se de tal encantamento que não quiz, para não compro-

metter-lhe a belleza e o enthusiasmo, nem truncar-lhe os periodos, nem mudar-lhe o idioma; passei para meu artigo o capitulo inteiro no mesmo suave castelhano em que fôra escripto.

Devo confessar, e o digo aqui á puridade, que levei um pouco o enthusiasmo do escriptor colombiano em conta dos naturaes encantos femininos de Violeta Branca. Eu não lhe conhecia o nome e, fosse ella a autora dos versos que Nieto Cabalero tanto exaltava, por certo sua fama já haveria de ter chegado até nós.

Tratava-se de uma mulher bonita, de alta distincção, impregnada de romantismo e taes predicados eram de molde a perturbar o senso critico do viajante exaltado e emotivo.

Desde então o lindo nome da poetisa amazonense me ficou no ouvido — Violeta Branca — mas de sua obra conhecimento algum me foi dado.

Pois bem, a poetisa está no Rio de Janeiro. Naturalmente grata pelas referencias de meu artigo, que teve a larga e prestigiosa circulação do grande órgão, aqui chegando, procurou-me.

Não vi nella a castellã altiva que Nieto Cabalero pintou. E' por certo: joven e bella, mas discreta, retrahida, acanhada mesmo. Disse-me versos e tendo preparado um livro óra em via de publicação, quiz dar-me a honra de ser o seu primeiro leitor. Li esse livro e não me pude furtar ao impulso de trazer delle conhecimento á Academia.

Em nossa proxima reunião trarei a poetisa, que deseja fazer-nos uma visita. Quero hoje dar aos meus illustres collegas o prazer de ouvir algumas de suas producções, afim de que, quando Violeta Branca, na proxima quinta-feira, nos dê a graça de sua presença, já saiba a Academia que recebe e acolhe a portadora de uma alta e fina sensibilidade e, o que é mais, que a sabe traduzir na singeleza de versos admiraveis de belleza e sentimento.

Ouçam os collegas :

MINHA LENDA

A' sombra de um igapó escuro e parado,
branca como as areias e as espumas,
e mais triste que um gesto de adeus,
com a forma de uma victoria-régia immensa,
desmaiada de indiferença,
eu florescia...

Tupan, uma noite,
olhou-me com os olhos de luar
e se enamorou de mim.
E, numa fala que lembrava a suavidade
do riso das aguas,
correndo sobre pedras :

“E's triste e bella. E por isso
terás a gloria suprema,
que é maior que o triumphal poema
que canta o irapurú em voz tão clara :
Toma a pedra do muyrakitan.
desce ao fundo dos rios :
vaes ser Yára”.

Depois...

Numa hora de encantamento e belleza,
com os cabellos enfeitados de aguapés
e no corpo o fascínio dos mysterios,
prendi a alma ingenua de um marujo incauto.
E o deus lendario da Amazonia,
sentindo o amor palpitir no meu canto,
voltou a me falar.
Nesse dia os seus olhos
tinham lampejos de sol
e a voz o resoar da pororoca :

“—Não mercees mais a gloria de ser Yára.
Não ficarás aqui nem um dia sequer.
Vaes receber o teu castigo...”
E transformou-me em mulher.

SONHAR

Quiz ser ave,
quiz ser nuvem,
quiz ser vento,
quiz ser folha tonta
que passasse além
da curva acinzentada da montanha.

Essa minha vontade
voluptuosa e estranha
era a attracção dos astros.

Eu me sentia humilde
para alcançar as luzes do infinito,
A minha alma já de rastros
pelas cousas terrenas.

Depois, o rythmo das cousas
me abriu o olhar...
E eu comprehendí
nas horas serenas
que, para chegar ás estrellas,
me bastava sonhar...

ORAÇÃO AO MAR

Nasci tão longe
 de ti, velho mar, velho monge
 vestido de verde,
 que passas noite e dia
 rezando, no rosario de oiro das estrellas,
 a oração da Alegria...
 Nasci tão longe de ti, Mar,
 porém, tu, com a tua magnitude,
 deste a tua benção verde ao meu olhar...
 Deste a benção verde das tuas alegrias
 á matta verde da minha terra,
 verde e bonita como as esmeraldas
 que fizeram o sonho de Fernão Dias...
 Deste, Mar, a tua benção verde
 ao muyrakitan,
 a pedra verde da felicidade,
 de que é feito o templo encantado de Tupan;
 deste, Mar, a tua benção verde
 aos lagos quietos destas zonas,
 aos cabellos das yáras,
 que, pelas noites claras,
 andam cantando nos rios enormes do Amazonas...

Mar, eu te amo!
 amo-te, porque, uma tarde, rubro,
 sob o reflexo do céu incendiado de verão,
 deste a tua benção vermelha
 cheia da poesia do canticó das sereias
 ao sangue quente e moço
 que corre, inflammado, em minhas veias...

RENUNCIA

Na illusão de que estás perto,
 estendo-te os braços
 e offerço-te a boca!
 Mas é tão grande o espaço...
 Si tu vieres pelo desejo
 do meu abraço
 e para a volúpia do meu beijo,
 chegarás quasi morto de cansaço...
 Não! E' melhor que não venhas,
 é melhor que nunca tenhas
 os meus labios nos teus labios,
 nem os meus braços — duas serpentes brancas —
 envôltas no teu pescoço...
 Não venhas!
 Assim será menor o meu soffrer...
 E's forte, és moço:
 Olha a vida...
 Viver!

PROPHECIA

Muitas mulheres apaixonadas
na tua vida hão de passar.
Loiras e morenas,
alegres como o clarear das madrugadas,
lindas como lyrios abertos ao luar.
Outras tristes e serenas...
Ellas, porém, não deixarão na tua vida
esta impressão viva de felicidade
que eu deixarei,
porque nenhuma terá, como eu tenho,
sangue de sol
e alma de bruma!

PASSIONAL.

O teu beijo foi tão pequeno,
tão rapido, tão sereno,
que chegou bem na minha mão.
E eu, com medo que elle fugisse
como um passaro alvoroçado,
fechei-o com emoção,
para guardal-o por toda a vida,
bem dentro de minha mão.

E elle ficou como uma cigarra
cantando a canção bizarra
do teu amor, que é perfeição,
— para sempre harmonioso,
na palma branca de minha mão”.

* * *

“Visitou hontem a Academia Brasileira de Letras a poetisa senhorinha Violeta Branca. A casa tivera communicação d'essa visita na quinta-feira anterior, quando o sr. Ministro Rodrigo Octavio dissera, com sua vibração moça e sua voz de grande leitor, versos da joven amazonense.

Todos os brasileiros que ouviram o sr. Rodrigo Octavio falar, sabem que um dos mais puros prazeres da intelligencia no Brasil é escutar o autor de “Felisberto Caldeira” lendo em voz alta. Com os versos da senhorinha Violeta Branca acontece, justamente, um pormenor admiravel: elles parecem feitos para ser recitados, o encontro amavel das palavras, das imagens e das idéas impõe a pronuncia dos lyricos vocabulos pelo leitor desprevenido.

A sessão de hontem, além da presença dos academicos actualmente no Rio, teve ainda a dos srs. Miguel Osorio de Almeida e Theodoro Ramos, e no ambiente quieto da sala se juntaram as palavras de dois fundadores da Academia, o actual presidente e o sr. Rodrigo Octavio, para saudar a juventude cheia de rythmos da senhorinha Violeta Branca.

Annunciando o sr. Rodrigo Octavio que se achava na casa a joven poetisa, o sr. Conde de Affonso Celso nomeou, para levá-la ao recinto, uma commissão dos srs. Helio Lobo, Roquette Pinto e Rodrigo Octavio. Acompanhava a senhorinha Violeta Branca o nosso companheiro de redacção sr. Arthur de Guaraná.

Agradecendo-lhe, em nome da Academia, a honra da visita, o sr. Conde de Affonso Celso disse á senhorinha Violeta Branca quanto a casa guardara seus versos, e quanto haviam tocado elles o coração e o senso esthetico de todos. Ninguem melhor que o sr. Rodrigo Octavio podia dar á visitante as boas vindas da Academia; ia conceder-lhe a palavra para que lesse o seu prefacio ao livro da poetisa, ainda estreante, e já tão altamente elogiada.

O sr. Rodrigo Octavio leu, a seguir, as paginas com que abriu as palmas da poetisa brasileira; e através do seu estylo saboroso desfilam as observações á margem dos rythmos, das imagens e dos pensamentos da visitante. De vez em quando o admiravel conferencista se enthusiasma, ao ler trechos de grande alegria poetica, de uma força lyrica intensa, e nos quaes se misturam as coisas e os sentimentos, o mar e o amor...

Evidentemente, o prefacio do sr. Rodrigo Octavio encantou e commoveu a todos; e essa impressão perdurou quando a senhorinha Violeta Branca, com sua timidez de nortista, e modestamente, declarou que não tinha palavras para agradecer tantas gentilezas, e preferia guardal-as no silencio e na gratidão, como as flores da noite..."

L. P.



ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

ESTATUTOS APPROVADOS EM SESSÃO

DE 24 DE NOVEMBRO DE 1934

Art. 1.º — A Academia Amazonense de Letras, fundada, nesta Capital, em 1.º de Janeiro de 1918, com a denominação de Sociedade Amazonense de Homens de Letras, tem por fim o cultivo das letras e das sciencias pela acção individual ou collectiva dos seus membros, e se compõe, salvo o disposto no art. 5.º § unico, de trinta membros effectivos, residentes no Estado, e de quarenta membros correspondentes.

Art. 2.º — As vagas existentes e as que occorrerem no quadro de membros effectivos, serão preenchidas por intellectuaes domiciliados no Estado, que tenham trabalhos literarios ou scientificos de comprovado valor, mediante proposta subscripta por dez academicos e em virtude de eleição por escrutinio secreto e maioria de votos dos associados residentes em Manaus.

Art. 3.º — São patronos das cadeiras os seguintes homens de letras, já fallecidos: — Affonso Arinos, Aluizio Azevedo, Adolpho Caminha, Annibal Theophilo, B. Lopes, Cruz e Souza, Eduardo Prado, Euclides da Cunha, Escragnole Taunay, Farias Brito, França Junior, Francisco de Castro, Gonzaga Duque, Joaquim Nabuco, José do Patrocínio, José Verissimo, Lafayete Rodrigues Pereira, Machado de Assis, Maranhão Sobrinho, Martins Junior, Oswaldo Cruz, Raul Pompeia, Raymundo Corrêa, Rio Branco, Souza Bandeira, Sylvio Romero, Tenreiro Aranha, Thomaz Lopes, Tito Livio de Castro e Torquato Tapajós.

Art. 4.º — Passarão para o quadro dos correspondentes os socios effectivos que o solicitarem e os que fixarem domicilio fóra do Estado.

§ unico — Reputar-se-á vaga a cadeira do socio effectivo que, durante dois annos, estando presente, deixar de comparecer ás reuniões ou, no mesmo espaço de tempo, no caso de ausencia, não se corresponder com a Academia.

Art. 5.º — O socio effectivo que passar para o quadro de correspondentes, desde que volte a residir no Amazonas, reverterá ao quadro primitivo, para o que, com a approvação da Academia, escolherá novo patrono.

§ unico — Só terá cabimento a readmissão nas condições deste artigo, quando o quadro de effectivos não houver attingido o limite de quarenta academicos; no caso contrario, deverá o socio aguardar vaga.

Art. 6.º — Os membros correspondentes serão eleitos, entre escriptores nacionaes ou estrangeiros de reconhecido merito, por votação secreta, mediante proposta de um membro effectivo.

REVISTA DA ACADEMIA

§ unico — Ficam mantidas as eleições já feitas de socios correspondentes.

Art. 7.º — O candidato eleito membro effectivo deverá tomar posse de sua cadeira dentro do prazo de um anno, considerando-se renunciada a sua eleição se o não fizer dentro desse prazo.

Art. 8.º — O academico pôde renunciar o seu titulo e consequentes direitos, mediante comunicação ao presidente e approvação da Academia.

Art. 9.º — A Academia pôde reunir-se com a presença de cinco de seus membros, mas as suas deliberações não pôdem ser tomadas sem a presença de dez socios effectivos, no minimo.

Art. 10.º — A administração da Academia Amazonense de Letras compete a um presidente, um vice-presidente, um secretario geral, um 1.º e um 2.º secretario, um thesoureiro e um bibliothecario, eleitos, quinquennialmente, por escrutinio secreto e por maioria de votos, podendo ser reeleitos.

§ unico — O secretario geral será o director da Secretaria e superintenderá a organização da bibliotheca.

Art. 11.º — As sessões de posse serão sempre solennes. A posse da Directoria realizar-se-á no dia 1.º de Janeiro de cada anno.

Art. 12.º — Cada membro effectivo é obrigado a fazer, na sessão de recepção, o estudo critico da obra do patrono de sua cadeira, devendo os academicos já impossos realizal-o em sessão especial, préviamente marcada.

§ 1.º — Os academicos escolhidos para preencherem as vagas, que se forem verificando, deverão escrever uma apreciação sobre a obra literaria ou scientifica de seu antecessor.

§ 2.º — Aos recipiendarios responderá, em nome da Academia, o membro effectivo, que, para esse fim, fôr eleito.

Art. 13.º — As attribuições do presidente e dos demais membros da Directoria serão estabelecidas pelo regimento interno.

Art. 14.º — Nas suas relações com terceiros, e em Juizo, a Academia será representada pelo presidente.

Art. 15.º — Haverá na bibliotheca uma secção especialmente destinada a obras sobre a Amazonia.

Art. 16.º — Pelos inestimaveis serviços prestados á Academia, é conferido ao sr. Capitão Nelson de Mello o titulo de Presidente de Honra.

Art. 17.º — Como orgão de seus trabalhos, será publicada a Revista da Academia Amazonense de Letras.

Art. 18.º — Os membros effectivos poderão usar em seus trabalhos literarios ou scientificos a designação — “Da Academia Amazonense de Letras”.

Art. 19.º — Só por maioria de votos de todos os membros effectivos, poderá ser decretada a reforma dos Estatutos ou a extinção da Academia.

§ unico — No caso de extinção, o patrimonio da Academia Amazonense de Letras, depois de liquidado o passivo social, passará para o dominio do Estado, e os livros, que possuir, para a Bibliotheca Publica.

Manáos, 29 de Novembro de 1934.

Adriano Jorge, José Chevalier, Antonio G. P. de Sá Peixoto,

Waldemar Pedrosa, Leopoldo Péres, Huascar de Figueiredo, Manoel Anisio Jobim, Pericles Moraes, Paulo Eleutherio, Araujo Lima, Jonas da Silva, Agnello Bittencourt, André Vidal de Araujo, Coriolano Durand, Carlos Eugenio Chauvin.

ACTA DE ELEIÇÃO DA DIRECTORIA PARA 1935-1939 E APPROVAÇÃO DOS NOVOS ESTATUTOS

Acta da primeira reunião levada a effeito na sede propria da Academia Amazonense de Letras. Aos vinte e quatro dias do mez de Novembro de mil novecentos e trinta e quatro, em Manáos, capital do Estado do Amazonas, no predio proprio e sede social da Academia Amazonense de Letras, houve logar a reunião especialmente convocada, á qual compareceram os academicos Adriano Jorge, Sá Peixoto, Pericles Moraes, Leopoldo Péres, Anisio Jobim, José Chevalier, Jonas da Silva, Agnello Bittencourt, Paulo Eleutherio, Araujo Lima e Huascar de Figueiredo, sob a presidencia do primeiro e secretaria do academico José Chevalier. O academico Pericles Moraes, logo em seguida á abertura da sessão, pediu a palavra para ler a demonstração das contas referentes á applicação da verba concedida á Academia pelo Governo do Estado para o preparo do predio e instalação da Academia, apresentando, por essa occasião, os documentos relativos ás despesas effectuadas, descrevendo todas as verbas, a proporção que indicava, nos seus respectivos logares, as cousas e serviços pagos. Essas contas, tendo satisfeito plenamente a todos os academicos, foram approvadas unanimemente. O academico Sá Peixoto propoz que se consignasse um voto de louvor ao academico Pericles Moraes pela maneira criteriosa, honesta e diligente com que se havia desempenhado daquelle encargo, o que tambem foi approvado, sem restricções e confirmado por uma prolongada salva de palmas. O academico José Chevalier passou a ler a proposta dos novos estatutos, que foram, em principio, approvados e entregues á commissão especial, composta dos academicos Pericles Moraes, Sá Peixoto e Anisio Jobim, para sua redacção definitiva e consequente publicação. O academico Anisio Jobim, pela ordem, propoz a aclamação dos novos corpos dirigentes da Academia, da maneira seguinte: presidente, Adriano Jorge; vice-presidente, Sá Peixoto; secretario geral, José Chevalier; primeiro secretario, Leopoldo Péres; segundo secretario, Huascar de Figueiredo; bibliothecario, Paulo Eleutherio; thesoureiro, Jonas da Silva. Feita a aclamação pela ordem acima indicada, com as resalvas dos proprios nomes, na sua devida oportunidade, a directoria ficou desde logo empossada. Elegeu-se, então, a commissão redaccional da REVISTA DA ACADEMIA, recabindo a escolha nos academicos Pericles Moraes, Adriano Jorge e Sá Peixoto. O academico José Chevalier, como secretario geral, communicou á casa a verificação, por fallecimento, das vagas

academicas de Simplicio Coelho de Mello Rezende, Raymundo Monteiro e Alcides Bahia, bem como o fallecimento, em Belem, Estado do Pará, do grande escriptor Alfredo Ladislaw, socio correspondente da Academia. Por approvação unanime, foi mandado consignar em acta um voto de pezar e de homenagem ao illustre auctor de "Terra immatura". Deliberou-se ainda que, nos primeiros dias do mez de Dezembro proximo, logo depois da publicação official dos novos Estatutos, se realizará a festa inaugural da séde academica, á praça Benjamin Constant, esquina da rua Tapajós, na qual se prestará homenagem publica ao Capitão Nelson de Mello, interventor federal no Estado e presidente de honra da Academia, cujo retrato, posto em logar de destaque no salão nobre da séde, tambem será inaugurado por essa occasião. E como nada mais houvesse determinado a Academia nessa reunião, eu, segundo secretario, lavrei a presente acta, que vae devidamente assignada. Adriano Jorge, presidente; Sá Peixoto, vice-presidente; José Chevalier, secretario geral; Leopoldo Pêres, 1.º secretario; Huascar de Figueiredo, 2.º secretario; Paulo Eleutherio, bibliothecario; Jonas da Silva, thesoureiro.

DECRETO DO GOVERNO DO ESTADO QUE DOOU A' ACADEMIA O EDIFICIO DE SUA SÉDE ACTUAL

ACTO N.º 3.708

O Capitão NELSON DE MELLO, Interventor Federal no Estado do Amazonas, por nomeação do Governo Provisorio da Republica,

Considerando que a Academia Amazonense de Letras, fundada, nesta cidade, a 1.º de Janeiro de 1918, é a maior expressão da cultura intellectual do Estado, a que vem prestando nesses domínios relevantes e inestimaveis serviços;

Considerando que esse cenaculo literario, regular e juridicamente constituido, representa, por todos os titulos, a mentalidade amazonense, na sua mais lidíma exponenciação, contribuindo, de maneira notavel, para firmar, dentro e fóra do Paiz, o renome do Estado e honrar a sua tradição cultural;

Considerando que ao Governo cumpre estimular a intelligencia e prover ao engrandecimento moral e espirital da collectividade,

RESOLVE :

Art. 1.º — Doar á Academia Amazonense de Letras, em carater definitivo, para installação da sua séde, o proprio estadual que

fica situado no flanco esquerdo do Instituto Benjamin Constant, á praça Antonio Bittencourt, canto da rua Tapajós, desta cidade, devendo, para isso, ser lavrada a respectiva escriptura.

Art. 2.º — Revogam-se as disposições em contrario.

Palacio Rio Negro, em Manáos, 5 de junho de 1934.

(a) NELSON DE MELLO
Interventor Federal

(a) Luiz de Oliveira Rodrigues
Director da Fazenda Publica, respondendo
pela Secretaria Geral do Estado



O sr. Anísio Jobim foi recebido na Academia, empossando-se na cadeira de Farias Brito, em sessão de 24 de Setembro de 1932. Saudou-o o sr. Leopoldo Pêres, cujo discurso publicaremos opportunamente.

ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

SOCIOS CORRESPONDENTES

RIO DE JANEIRO — Affonso Celso, Afranio Peixoto, Alcides Maya, Antonio Austregesilo, Goulart de Andrade, Ataulpho de Paiva, Luiz Guimarães Filho, Aloisio de Castro, Felinto de Almeida, Albertina Bertha, Ronald de Carvalho, Victor Vianna, Escragnole Doria, Gustavo Barroso, Tristão de Athayde, Rosalina Coelho Lisboa Rodermaker, Gilka Machado, Claudio de Sousa, Achiles Bevilacqua, Aurclio Pinheiro, Oswaldo Orico, Heitor Beltrão, Ribeiro Couto, Odilon Lima e Pio Jardim.

SÃO PAULO — Julio Cesar da Silva, Pinheiro Junior, Monteiro Lobato, Francisco Azzi e Mario Cardim.

BAHIA — Bernardino de Sousa, Xavier Marques, Durval de Moraes, Arnaldo Damasceno Vieira e Aloisio de Carvalho Filho.

PERNAMBUCO — Mario Melo e Costa Rego Junior.

ALAGÓAS — Rosalia Sandoval, Cruz Oliveira, Carlos Garrido, Raulpho Goulart, Lima Junior, Jayme D'Altavilla, Povina Cavalcante, Luiz Accioly, Jorge de Lima e Virgílio Guedes.

PARAHYBA — Carlos D. Fernandes e Generino Maciel.

RIO GRANDE DO NORTE — Henrique Castriciano.

CEARÁ — Antonio Salles, Quintino Cunha e Sylvio Julio.

MARANHÃO — Domingos Barbosa, Antonio Bona e J. Franco de Sá.

SERGIPE — Luiz José da Costafilho.

PARÁ — Severino Silva, Dejard de Mendonça e Raymundo Moraes.

PARANÁ — J. H. de Santa Ritta.

PORTUGAL — Julio Dantas, Meyer Garção e João de Barros.

HESPAÑA — Ramon de Valle-Inclán e Guillermo de Torre.

PERÚ — Henrique Bustamante e Ballivian, Oscar Miro Quesada, Teodosio Cabada e Carlos Rey de Castro.

BOLÍVIA — Alcides Arguedas e J. de Mendonça Lima.

ARGENTINA — Leopoldo Lugones e Manuel Ugarte.

URUGUAY — Emilio Oribe e Carlos Reyles.

VENEZUELA — Rufino Blanco-Fombona e Diaz Rodriguez.

EQUADOR — Wenceslau Pareja (Guayaquil).

COLOMBIA — Guillermo Valencia e Cornelio Hispano.

QUADRO DOS SÓCIOS CORRESPONDENTES

PARÁ — Artur Cesar Ferreira Reis, Eógard Proença, Georgenor Franco, Paulo Eleuterio, Romeu Mariz e Arthur Napoleão de Figueiredo.

MARANHÃO — Antônio Bona.

CEARÁ — Byron de Oliveira Freire, Dolor Barreira e Raimundo Girão.

RIO GRANDE DO NORTE — Henrique Castriciano.

PERNAMBUCO — Mário Mello.

ALAGOAS — Carlos Garrido, Cruz Oliveira, Jayme d'Altavilla, Lima Junior, Luis Accioly, Ranulfo Goulard, Rosália Sandoval e Virgílio Guedes.

SERGIPE — Luis da Costa Filho.

BAHIA — José de Figueiredo Lobo.

RIO DE JANEIRO — Albertina Berta, Aluísio de Castro, Antônio Austregésilo, Augusto Linhares, Aloysio de Carvalho Filho, Carlos de Araujo Lima, Claudio de Araujo Lima Deoclides de Carvalho Leal, Francisco Vieira de Alencar, Gustavo Barroso, Heitor Pêres, João Maranhão, Luís Felipe Vieira Souto, Odilon Lima, Oswaldo Orizo, Pascoal Bandeira Moreira, Paulo Coelho Netto, Petrarca Maranhão, Povina Cavalcanti, Ribeiro Couto, Rosalina Coelho Lisboa Larragoite, Severino Silva, Sílvio Júlio, Tasso da Silveira, Tristão de Athayde, Violeta Branca e Virgílio Barbosa.

ESTADO DO RIO (Niterói) — Monsenhor João de Barros Uchôa e Monsenhor João Clementino de Mello Lula.

SÃO PAULO — Francisco Azzi, Mário Carcím e Pinheiro Junior.

PARANÁ — J. M. de Santa Ritta.

PORTUGAL — Gastão Bittencourt, João de Barros, Júlio Dantas e Meyer Garção.

ESPAÑHA — Eugênio de Láscares Commeno, Guillermo de Torre e Ramon de Valle-Inclan.

FRANÇA — Serge Deborbieux.

ITÁLIA — Rafael Corso.

PERÚ — Carlos Rey de Castro, Enrique Bustamante y Ballivian, Oscar Miro Quesada e Teodosio Cabada.

BOLÍVIA — Alcides Arguedas.

COLOMBIA — Cornelio Hispano e Guillermo Valencia.

EQUADOR — Wenceslau Pareja (Guayaquil).

URUGUAI — Carlos Reyles e Emilio Oribe.

ARGENTINA — Enrique de Gandia e Manuel Ugarte.

MÉXICO — Vicente Mendoza.

ALEMANHA — Guilherme Giese.

SÃO DOMINGOS — Americo Lugo.

CUBA — Antônio Iraizoz.